

PROTO-HISTÓRIA DA PENÍNSULA IBÉRICA



Porto
ADECAP
2000

MANIFESTAÇÕES FUNERÁRIAS DA BAIXA ESTREMADURA NO DECURSO DA IDADE DO BRONZE E DA IDADE DO FERRO (II E I MILÉNIOS A. C.): BREVE SÍNTESE

por

João Luís Cardoso*

Resumo: A informação sobre as práticas funerárias da Idade do Bronze e da Idade do Ferro na Baixa Estremadura, é de evidente pobreza, face aos elementos relativos aos povoados. Esta realidade constitui, em si mesma, uma informação relevante, aliás em consonância com o que se sabe de outras regiões peninsulares. Ao que parece, a incineração coexistiu, desde o Bronze Final, com a inumação, mas é relativamente a esta última que se dispõe de elementos mais expressivos. Os aglomerados proto-urbanos que despontam nos primórdios da Idade do Ferro na região, teriam, forçosamente, as correspondentes necrópoles: mas estas ainda não se descobriram, talvez em parte por jazarem sob as cidades modernas que se lhes sucederam.

Aliás, cumpre referir que a pobreza da informação relativa ao mundo funerário dos II e I milénios a. C. na região em apreço é real e efectiva, quando comparada com a relativa ao milénio imediatamente anterior, sendo inviável admitir um despovoamento da mesma, a qual mostra, ao contrário, um acréscimo de população a partir do Bronze Final. Assim, a referida pobreza deverá ser antes explicada pelos rituais funerários então mais em voga, que não favoreceram, seguramente, a conservação dos testemunhos respectivos.

Palavras-chave: Idade do Bronze; Idade do Ferro; Estremadura portuguesa.

1. ÂMBITO GEOGRÁFICO E TEMÁTICO

Por Baixa Estremadura, entende-se, neste estudo, o trecho do território delimitado, a Sul pelo estuário do Sado, a Norte pelo paralelo de Torres Vedras, a Ocidente pelo Oceano e, a Oriente, pelo rio Tejo. Naturalmente, uma síntese sobre a arqueologia funerária da Idade do Bronze e da Idade do Ferro desta região não dispensa referências ao "mundo dos vivos", e por conseguinte às marcas de povoamento correlativas das manifestações que serão objecto primordial deste trabalho, que, sem pretender ser exaustivo, procurará traçar, em breve síntese, os principais conhecimentos sobre tal questão.

* Prof. Auxiliar com agregação em Pré-História. Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho e Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

2. O BRONZE INICIAL

O povoamento do Bronze Inicial na região em apreço é discreto: dos verdadeiros marcos na paisagem que constituíam os povoados fortificados calcolíticos, apenas alguns subsistem, de forma esporádica e correspondendo a fase de nítido declínio, comparativamente com o esplendor por eles atingido anteriormente. É o caso dos povoados de Vila Nova de São Pedro, Azambuja e de Zambujal, Torres Vedras, cujos materiais mais modernos remontam sem custo à Idade do Bronze, talvez mesmo ao Bronze Pleno (PAÇO, 1955). Muito pouco se sabe acerca das características das sepulturas correlativas, na região em apreço. Admitindo que estas estejam representadas pelo "horizonte" epicampaniforme de Montelavar, ter-se-iam sepulturas cistóides, planas, desprovidas de "tumulus", constituídas por caixas sub-rectangulares, de que é exemplo único o referido sepulcro, o que é manifestamente pouco, ainda para mais por se tratar de monumento já destruído pela lavra de pedreira, há mais de cinquenta anos (NOGUEIRA & ZBYSZEWSKI, 1943), anteriormente à própria publicação.

O espólio era constituído por duas pontas Palmela e um punhal de lingueta, não fazendo parte dele nenhum recipiente, liso ou decorado (Fig. 1). Deste modo, pode entrever-se, pela importância que assumia o armamento, a emergência de um segmento guerreiro, no seio de uma sociedade que era também de pastores, agricultores e comerciantes, em fase de transformações aceleradas. Cronologicamente, pode situar-se esta primeira etapa da Idade do Bronze na Estremadura, nos últimos séculos do III milénio a inícios do II milénio a. C. Certamente que, então, se continuariam a verificar reaproveitamentos de sepulturas ou necrópoles colectivas mais antigas, recorrendo-se a tumulações em grutas naturais, hipogeus e monumentos megalíticos, tal como se fazia no decurso do campaniforme.

3. O BRONZE PLENO

A única ocorrência conhecida de um povoado do Bronze Pleno na região em apreço é o de Catujal, Loures (Fig. 2). A data de radiocarbono obtida, sobre ossos de animais domésticos, recolhidos *in situ* na camada arqueológica, correspondente à ocupação ali isolada, deu o resultado de ICEN - 843 - 3570 ± 45 BP, o qual, depois de calibrado usando a curva de STUIVER & PEARSON (1993), corresponde ao intervalo de 2028-1742 a. C. (CARDOSO, 1994). Nessa época, já as cerâmicas campaniformes não eram usadas na Estremadura, como aliás decorre de estudo sistemático das datas até ao presente obtidas para tal período (CARDOSO & SOARES, 1990/1992). Com efeito, o numeroso espólio cerâmico é dominado por recipientes lisos, denotando evidentes afinidades com o Bronze do Sudoeste, ou Bronze Meridional Português, como foi baptizado, com prioridade, por F. Nunes Ribeiro (RIBEIRO, 1965). Tais afinidades ainda se reforçam mais considerando os escassos elementos decorados, onde avultam as características "garrafas" de colo apertado e as taças de tipo Santa Vitória (CARDOSO & CARREIRA, 1993) (Fig. 3). Sendo estes últimos recipientes atribuídos à fase mais recente do Bronze do Sudoeste (Bronze II do Sudoeste), a sua ocorrência no Catujal, em plena primeira metade do II milénio a. C., faz recuar no tempo a sua aparição.

O povoado do Catujal, situado em esporão sobranceiro ao estuário ou delta interior do Tejo, dominando-o largamente, bem como aos vastos horizontes que se descortinam, muito para além dele, vem ilustrar as evidentes afinidades culturais

que a Estremadura então exibia com a região mais meridional do território português. Com efeito, o único sítio comparável situa-se em plena costa alentejana: trata-se do povoado do Pessegueiro, Sines, adjacente à necrópole do mesmo nome (SILVA & SOARES, 1981), ao qual corresponde cronologia mais recente. Porém, ao contrário do verificado naquela região, as expressões funerárias na Estremadura são muito muito discretas. Qual a razão para tal fenómeno? Na mesma época, idêntica situação foi observada no fértil vale do Guadalquivir e, ali interpretada, como consequência de evolução climática no sentido da aridez (CARO, 1989), que teria provocado o despovoamento; será que a mesma causa é aplicável à realidade estremenha? Na falta de indicadores objectivos, é preferível optar pela dúvida.

É provável que, à semelhança da fase anterior, se tivessem continuado a privilegiar, como locais de enterramento, as grutas naturais, de que são exemplo: a Lapa do Fumo, Sesimbra, onde se isolou conjunto cerâmico inserível claramente no Bronze Pleno (CARREIRA, 1997) (Fig. 4); a pequena cavidade da Rotura, Setúbal, subjacente ao povoado calcolítico do mesmo nome e onde se recolheu um recipiente tetra-mamilado na carena (CARREIRA, 1998, Fig. 4, n.º 5), muito semelhante a exemplar do Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz (GONÇALVES, 1988/1989); e a pequena garrafa com decoração de linhas tenuamente incisadas, quase caneluras, semelhantes às patentes nas cerâmicas do Calcolítico inicial da Estremadura, recolhida nas grutas do Poço Velho, Cascais (CARREIRA, 1990/1992, Fig. 2), formalmente paralelizável com as garrafas auríferas do tesouro de Villena, recentemente situado em meados do II milénio a. C. (MEDEROS MARTÍN, 1999), que poderia acompanhar pequeno punhal nervurado, para além de numerosas cerâmicas lisas (Fig. 5).

A reutilização de sítios calcolíticos a céu aberto, como o povoado fortificado da Pedra de Ouro, Alenquer, encontra-se ilustrada pela ocorrência de uma sepultura (de inumação?), encontrada no exterior da fortificação, junto da torre circular de Noroeste. Continha uma taça com decoração de gomos, com evidente origem no Bronze do Sudoeste (PAÇO, 1966, Fig. 12). Segundo Vera Leisner e Hermanfrid Schubart (LEISNER & SCHUBART, 1966, Abb. 11), que naquele mesmo ano publicaram estudo desenvolvido sobre o sítio, nele incluindo a referida peça (Fig. 6), não existem informações sobre a possível origem comum do conjunto cerâmico que supostamente a acompanhava, constituído por três recipientes, dos quais dois os autores admitem poder pertencerem já à Idade do Ferro, no que estamos de acordo; e muitos outros elementos se poderiam referir, já fora dos limites geográficos impostos a este estudo, como a grande taça de cerâmica negra e brunida, com decoração interior do tipo Santa Vitória, da Lapa do Suão, Bombarral (FERREIRA, 1972; SPINDLER, 1981, Tf. 69) (Fig. 7) e as cerâmicas da Lapa da Bugalheira, Torres Novas (CARREIRA, 1996). Tais ocorrências, longe de constituírem achados circunstanciais e isolados (Fig. 8), correspondem a uma realidade cultural que, até ao presente, ainda não tinha sido devidamente valorizada: a da insistente influência cultural meridional na Estremadura, no decurso do Bronze Pleno, sem que, contudo se possa aceitar uma extensão geográfica do Bronze do Sudoeste até à Estremadura, pois que para isso fosse legítimo, seria necessária a presença de outras manifestações culturais, dele características, como as necrópoles de cistas, que aqui faltam por completo. As nítidas afinidades meridionais do Bronze Pleno estremenho encontram-se também sublinhadas por outro indicador: os punções losângulos, de que se conhecem exemplares na Estremadura, a Norte dos limites deste estudo, como na Casa da Moura, Óbidos e no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior.

Raras evidências documentam, ainda que de forma definitivamente truncada,

as práticas rituais do Bronze Pleno na região em apreço. Um dos mais expressivos testemunhos foi observado na Lapa da Furada, Sesimbra. Ali se identificou um vasto ossuário, resultante da remoção de restos de uma necrópole primária, que originalmente os continha, talvez uma outra gruta situada nas imediações. Com efeito, as duas datações absolutas, efectuadas com base em ossos humanos, indicam cronologia do Neolítico Final e do Calcolítico, anterior à tipologia dos fragmentos cerâmicos a que estavam associados (CARDOSO & CUNHA, 1995; CARDOSO, 1997). Tendo presente que a tipologia daqueles fragmentos, sendo muito semelhantes aos recolhidos no povoado do Catujal, os inscreve no Bronze Pleno (Fig. 9), ter-se-ia de admitir uma prática ritual em que, sendo necessário desobstruir a necrópole primária onde tais restos se encontravam acumulados, talvez para se continuar a assegurar a sua frequência no Bronze Pleno, foram aqueles cuidadosamente transferidos para uma cavidade adjacente – a que foi explorada – e ali depositados, de mistura com materiais mais modernos. Com efeito, como se verá, é provável que, na Idade do Bronze, algumas das grutas naturais estremenhas tivessem sido utilizadas, para além de necrópoles, como santuários rupestres, alguns deles eventualmente relacionados com cultos aquáticos.

3. O BRONZE FINAL

Ao contrário do verificado no Bronze Inicial e no Bronze Pleno, o registo arqueológico do Bronze Final é rico e numeroso: a Baixa Estremadura encontrar-se-ia então, e especialmente nas zonas de terrenos mais férteis, entregue a uma economia agro-pastoril intensiva e extensiva, com destaque para as culturas cerealíferas, e densamente povoada, através de pequenas unidades de raiz familiar: os “casais agrícolas”, na expressão de G. Marques e G. M. Andrade (MARQUES & ANDRADE, 1974). Estes, poderiam mesmo atingir a expressão de pequenos povoados abertos, implantados em zonas de encosta, como o da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986). A partir do fim do Bronze Final, senão mesmo antes, a actividade destes pequenos núcleos altamente produtivos, ultrapassando largamente as necessidades próprias a cada um deles, poderá ter-se organizado em torno de povoados mais importantes, situados em locais altos e defensáveis. Ali se encontrava sediada uma elite que então definitivamente se afirmou, à qual caberia a coordenação das actividades económicas, obtendo, das mais-valias do comércio transregional, a riqueza que esteve na origem do seu próprio sucesso e afirmação (ALARCÃO, 1996; CARDOSO, 1995, 1996).

Cronologicamente balizada, na área em causa, entre meados do século XIII e finais do século IX a. C., a última etapa da Idade do Bronze pode ser dividida em dois períodos, diferenciados pelos respectivos espólios (CARDOSO & CARREIRA, [1991] 1993). Assim, o Bronze Final I encontra-se exemplarmente representado pelo povoado de encosta da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.* 1986). Apesar dos largos milhares de peças cerâmicas ali recolhidas, nenhuma ostentava a característica decoração de “ornatos brunidos”: deste modo, pode concluir-se que, aquando da sua ocupação, tais cerâmicas ainda não faziam parte dos espólios arqueológicos. A cronologia absoluta desta ocupação, determinada por uma média ponderada de cinco datas de radiocarbono indica, de facto, uma fase precoce do Bronze Final (Bronze Final I), situável em meados do século XIII a. C. (CARDOSO, 1995).

As cerâmicas de “ornatos brunidos” foram, pela primeira vez, definidas com base nos fragmentos recuperados por E. C. Serrão na Lapa do Fumo, Sesimbra (SER-

RÃO, 1958, 1959; CARDOSO, 1996 a). Pela sua representatividade, passaram a designar-se tais cerâmicas, caracterizadas por uma decoração geométrica feita com uma ponta romba sobre a superfície externa dos recipientes, depois da secagem destes e antes da cozedura, por cerâmicas tipo “Lapa do Fumo” (Fig. 10). A abundância de grutas na região estremenha onde, entretanto, tais cerâmicas vieram a ser identificadas, muitas vezes resultantes de escavações realizadas há mais de um século (SPINDLER & FERREIRA, 1973; SPINDLER, 1981), atesta a intensidade da frequência e utilização de tais locais no final da Idade do Bronze, como necrópoles e/ou santuários rupestres. A estes achados cerâmicos podem somar-se os de objectos de bronze pertencentes ao Bronze Final II: a mais expressiva destas ocorrências é a de Monte Sereno, Sintra, onde, num local formado pelas anfractuosidades da penedia granítica, constituindo pequena gruta, se encontrou, em associação, um machado de talão uniface com uma argola e uma lâmina metálica, publicados por Félix Alves Pereira (PEREIRA, 1957, p. 22, Fig. 2). Dois argumentos concorrem a favor da hipótese de corresponderem a depósitos rituais, mais do que a tumulações: o facto de dificilmente se poderem associar restos humanos, ou cinzas (na hipótese de se poderem tratar de sepulturas de incineração), a tais materiais, metálicos ou cerâmicos, mesmo nos casos em que aqueles ocorrem em maior número, como na Lapa do Fumo, ou ainda na gruta do Correio Mor, Loures (Fig. 11, 12) (CARDOSO *et al.*, 1997/1998); e a sabida prática do culto das águas e das divindades aquáticas, no fim da Idade do Bronze, sendo, as grutas propícias a tal finalidade, dado constituírem normalmente meios húmidos. Porém, em nenhuma delas se identificou a presença de água corrente, muito embora algumas se encontrem próximas de linhas de água superficiais, como a gruta da Ponte da Lage, Oeiras, a escassos metros da ribeira adjacente (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Dali proveio conjunto cerâmico da Idade do Bronze, incluindo pequeno fragmento com decoração de “ornatos brunidos” (Fig. 13). As grutas-santuário nurágicas da Sardenha, nas quais se recolheram peças de bronze, algumas de origem ou inspiração peninsular (Lo SCHIAVO, 1991, Fig. 7) são elementos sugestivos de comparação, a par dos existentes noutras regiões europeias na mesma época (COFFYN & SION, 1993).

É ainda a sepulturas que se podem reportar alguns fragmentos de cerâmicas de “ornatos brunidos” encontradas em necrópoles anteriores, cujos recintos foram então objecto de reaproveitamento; é o caso do fragmento recolhido na *tholos* de Monge, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 66, n.º 25), bem como dos elementos recolhidos no Alto do Monte da Pena, Torres Vedras, onde se implanta uma bem conhecida *tholos* (dita do Barro). Com efeito, sem afastar a possibilidade de, ali, também ter existido um povoado, aliás já admitida por diversos investigadores (LEISNER, 1965; LEISNER & SCHUBART, 1966; SPINDLER, 1981), é provável que os materiais exumados em 1971, a cerca de 10 m de distância do monumento, em corte de pedreira então ali observado (Fig. 14) correspondam a uma sepultura, de acordo com os descobridores (MADEIRA *et al.*, 1972). Tal hipótese carece, repita-se, de confirmação, dado não se reconhecerem restos humanos inquestionavelmente relacionados com tais achados; ao que parece, a única excepção estremenha conhecida, já fora da área em estudo, corresponde à gruta da Marmota, Alcanena (GONÇALVES, 1972).

Não poderiam ficar sem rápida menção as duas célebres necrópoles de incineração em urnas, situadas perto da vila de Alpiarça, na Quinta dos Patudos, situada na bordadura aluvionar da margem esquerda do Tejo: Tanchoal e Meijão. Mendes Corrêa (CORRÊA, 1916) é taxativo quanto à existência, no Tanchoal, de restos ós-

seos calcinados e de cinzas, de mistura com braceletes de bronze, semelhantes aos do tesouro dos Fiéis de Deus. As limpezas efectuadas por Gustavo Marques, revelaram que muitos dos recipientes possuíam decorações de "ornatos brunidos" (MARQUES, 1972). Este facto seria suficiente para remeter a utilização das duas necrópoles para o Bronze Final, a que se vieram a somar os achados feitos no vizinho Cabeço da Bruxa, também ele provável testemunho de necrópole muito destruída. Os seus escavadores, P. Kalb e M. Hock, admitiram uma cronologia adentro do Bronze Final (KALB & HOCK, 1980), muito embora refiram a hipótese de os núcleos explorados por Mendes Corrêa serem já da Idade do Ferro (KALB & HOCK, 1987, p. 51). Compreende-se, deste modo, o alto interesse que teria a datação dos fragmentos ósseos referidos por Mendes Corrêa como oriundos do interior das urnas que descobriu; felizmente, tais fragmentos conservaram-se, o que evidencia o nível científico daquele arqueólogo, já devidamente destacado (CARDOSO, 1999). Os resultados recentemente obtidos, vieram confirmar a sua cronologia adentro do Bronze Final II, entre meados do século XI e os inícios do século IX a. C. (VILAÇA, CRUZ & GONÇALVES, 1999). Tendo presente a existência de manifestações funerárias envolvendo incineração em urna na região do alto Tejo português (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998), é crível que uma das vias de difusão de tal prática coincida com o Tejo, através da Meseta Ibérica, a partir da Catalunha.

Ainda relacionadas com práticas culturais ou funerárias do Bronze Final estre-menho, são de referir as jóias auríferas: na área a que cicunscrevemos este estudo, apenas se registam duas ocorrências.

A mais expressiva e espectacular de todas as conhecidas corresponde ao célebre colar do casal de Santo Amaro (Fig. 15), encontrado no final do século XIX no local referido, a cerca de 2 km da vila de Sintra (PEREIRA, 1894; VASCONCELLOS, 1896). Ao que parece, encontrava-se em uma sepultura de inumação, descoberta por acaso no curso da exploração de pedreira. Segundo Leite de Vasconcellos, aquela aproveitava o espaço formado por duas bancadas de calcário, sendo coberta por lajes irregulares. A tipologia desta jóia é única, agregando três elementos que, vistos isoladamente, poderão assimilar-se a colares simples de ouro maciço fundido, de secção circular, decorados por motivos geométricos a punção. Neste particular, possui evidente analogia com os colares de Baiões (S. Pedro do Sul) e com vários achados da Estremadura espanhola (colares "tipo Baiões" ou "Sagrajas/Berzocana"). As extremidades dos três elementos referidos foram soldadas por fusão adicional, enquanto o fecho foi considerado como sendo porção de um bracelete do "tipo Villena/Estremoz" (ARMBRUSTER, 1995). Ambos os grupos são de tipologia atlântica, mais marcada no caso dos colares, enquanto as quatro campânulas fixadas por rebitegem ao aro central, em ambas as pontas, são comparáveis aos terminais do bracelete de Torre Vã, Ourique, cuja filiação mediterrânea é evidente (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993). Deste modo, o colar do casal de Santo Amaro corresponde à síntese de elementos de tecnologia e de tipologia muito diferentes, e também de tradições culturais distintas, exprimindo, mais do que qualquer outra peça, a realidade social, económica e cultural vigente na região, nos finais do Bronze Final.

A quantidade do ouro disponível e em circulação nesta época encontra-se expressivamente salientada pelo peso desta jóia, que ascende a 1262 g. Seja como for, o elevado peso, a par do reduzido diâmetro interno de apenas 14 cm, tornaria difícil a sua utilização (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995). Pela mesma razão, já anteriormente se tinha afastado a hipótese da sua utilização mais óbvia, como colar

(VASCONCELLOS, 1896). Nestes termos, a conotação com dote feminino, num quadro de armazenamento social da riqueza, ganha consistência, não sendo incompatível com o carácter funerário atribuído ao achado. M. R.-G. Priego chamou a atenção, por outro lado, para a frequência de achados de jóias auríferas desprovidas de contexto, achadas em zonas de portela ou de passagem. Um traço comum a estes achados, extensível ao tesouro do Bonabal, Torres Vedras (TRINDADE & FERREIRA, 1964), o segundo e último que se reporta à região em apreço, sendo constituído por um bracelete liso de secção circular, análogo aos de Atouguia da Baleia, Peniche (PAÇO, 1971) e uma cadeia de espirais de ouro, idêntica a numerosos exemplares portugueses, atribuíveis à Idade do Bronze (não se confundem os as homólogas calcolíticas pelo facto de possuírem secção circular e não sub-quadrangular, como aquelas): são, sempre, ocultações em terrenos que nenhuma particularidade torna relevantes, como no caso do Bonabal, recolhido em terreno agrícola. Por isso, as descobertas, não raro, se fazem no decurso de trabalhos agrícolas, o que, por outro lado, se quadra bem na sabida “penumbra” que caracteriza as sepulturas do Bronze Final. Na periferia da região em estudo, é de referir ainda o tesouro de Almoester, constituído por dois colares lisos, de ouro martelado, a partir de lingotes fundidos (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993).

Outra das práticas rituais do Bronze Final expressa-se pelos achados aquáticos de armas e outros objectos metálicos. A tal propósito, importa referir R. Bradley, ao assinalar a complementaridade dos depósitos de jóias auríferas, na terra, muitas vezes arável, com estes últimos, de evidente carácter masculino, nas águas (BRADLEY, 1990: 122).

Quando os achados de armas se dão em terrenos incultos, sob rochas ou lages, sem que nada sugira a presença da água, como é o caso do célebre achado dos Fiéis de Deus, na região de Óbidos/Bombarral (VASCONCELLOS, 1920) é lícito admitir tratar-se de esconderijos de materiais destinados a uso ou, simplesmente, a fundição, tendo presente o elevado valor intrínseco do metal. Diferente é o único caso reconhecido na área em estudo, representado pela espada recolhida em dragagens, defronte dos estaleiros de Cacilhas, no final da década de 1950. Trata-se de um exemplar em “língua de carpa”, depositado no Museu Municipal de Arqueologia de Almada, cuja ocorrência se pode conotar, sem custo, com depósito ritual ou oferenda às divindades aquáticas, hipótese a que os achados inventariados por M. R.-G. Priego nos estuários ou embocaduras dos principais rios do território peninsular conferem consistência (RUIZ-GALVEZ PRIEGO, 1995). Esta é, sem dúvida, preferível à defendida pela autora, para o depósito da ria de Huelva, que conota com sepulturas masculinas em meio flúvio-estuarino (RUIZ-GALVEZ PRIEGO, 1995a).

Verifica-se, pelos exemplos apresentados, grande diversidade de práticas funerário-simbólicas na região da Baixa Estremadura, no decurso do Bronze Final, ainda que representadas por um número reduzido de ocorrências, frequentemente de contornos imprecisos, facto que não deixa de constituir, em si mesmo, característica relevante.

As afinidades culturais destas práticas relacionam-se, tanto com o mundo atlântico como com o domínio mediterrâneo, sendo talvez mais expressivas as primeiras. No entanto, a tipologia de muitas peças deixa transparecer relações mediterrâneas: é o caso das tão comuns cerâmicas de ornatos brunidos, do Bronze Final II, com equivalentes no Baixo Guadalquivir e do colar do casal de Santo Amaro, ele próprio uma síntese dos contributos que presidiram ao seu fabrico, com predomínio dos atlânticos.

Seja como for, a presença de peças de origem mediterrânea é conhecida, no sul do território português, desde o Bronze Pleno: a tal propósito, são de referir as contas de pasta vítrea, com origem no mundo micénico, recolhidas na necrópole de cistas do Bronze do Sudoeste de Atalaia, Ourique e situáveis entre 1500 e 1400 anos a. C. (SCHUBART, 1975), para já não mencionar o caso, ainda mais expressivo, de cerâmicas micénicas e outros contributos culturais da mesma origem encontrados em diversas estações do vale do Guadalquivir (CRUZ, 1992), demonstrando que não se trata de achados fortuitos ou isolados. É neste contexto que se deve interpretar a presença de um sepulcro de características únicas, identificado por O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, em 1965, na região de Sesimbra: o monumento da Roça do Casal do Meio, em Calhariz, Sesimbra.

Na Baixa Estremadura, é, sem dúvida, o mais expressivo documento dos contactos estabelecidos no Bronze Final II com o Mediterrâneo Central, de onde proviriam os intermediários dos mercados situados mais a oriente, e que tinham a ilha de Chipre por centro. Trata-se de sepultura em falsa cúpula (*tholos*), com câmara e corredor, escavada em 1972, por K. Spindler e O. da Veiga Ferreira.

Este monumento foi recentemente reapreciado (CARDOSO, 2000), tendo-se concluído ser de arquitectura muito mais simples que a suposta pelos seus escavadores. Na verdade, trata-se de uma sepultura com corredor e câmara de falsa cúpula sob *tumulus*; aquela, deveria apenas possuir o embasamento de alvenaria argamassada, sendo a sua parte superior construída de adobe: isso explicaria a presença de argila esbranquiçada, muito dura e compacta, que preenchia o interior da câmara; quanto ao *tumulus*, do exterior para o interior, seria constituído por um anel de contenção periférico, definido por grandes ortóstatos de calcário, a que se seguiria uma coroa de enrocamento, envolvendo, na parte central, um núcleo de argila terrosa, depositado sobre a cúpula, que não poderia, dada a sua fragilidade, suportar grandes pesos. Foi esta a zona que os escavadores, ao progredirem em profundidade com a escavação, interpretaram como sendo um corredor, visto, efectivamente, terem verificado ali a ausência de blocos, no espaço entre o embasamento da câmara e a coroa lítica referida. Trata-se, simplesmente, de um *tumulus* zonado, cujo núcleo terroso, cobria directamente a falsa cúpula da câmara (Fig. 16).

Exemplar de arquitectura única na Península Ibérica, a estranheza que causou foi tanta, que os seus exploradores tiveram que recorrer à tradição calcolítica para a explicar, expressa, na mesma região, por construções análogas (SPINDLER & FERREIRA, 1973). Porém, tal tradição tinha-se perdido cerca de 1500 anos antes, sendo por outro lado evidente que, no caso em apreço, não se tratava de uma *tholos* calcolítica: além da câmara ser de muito menor tamanho que os exemplares estremenhos deste tipo de monumentos, a sua cobertura não correspondia ao processo tradicional da disposição de pequenas lages, sucessivamente ultrapassadas para o interior da câmara, mas sim a aparelho de adobe (provavelmente de blocos de barro seco ao sol). Outros admitiram mesmo a hipótese de se tratar de simples reutilização de uma *tholos* calcolítica (BELÉN *et al.*, 1991, p. 237), contrariada não apenas pelos argumentos expostos, mas ainda por se não ter conservado qualquer objecto calcolítico, por pequeno que fosse, o que se afigura inverosímil. Recentemente, ALMAGRO-GORBEA (1998) aceitou tratar-se de uma criação local, com paralelos tanto nas sepulturas com câmara circular e *dromos* do Mediterrâneo Central (Sardenha, Sicília), como do Mediterrâneo Oriental (Egeu, onde se generalizam a partir do Heládico Final II-III e em Chipre), nas quais se teria directamente inspirado, dada a ausência

de ocorrências comparáveis no Ocidente peninsular. Com efeito, a câmara, circular, comunica com o exterior através de um corredor com declive para o interior (*dromos*), selado na entrada por um grande ortóstato de calcário (*stomion*), sendo também observável a selagem do corredor, na passagem para a câmara por amontoado de blocos (Fig. 17). Todos estes elementos foram observados em *tholoi* da área micénica, embora a sepultura da Roça do Casal do Meio seja cerca de 200 anos mais recente que os mais modernos daqueles sepulcros (MYLONAS, 1957). Na câmara, efectuaram-se duas deposições (dois indivíduos um, seguramente, outro provavelmente masculino), uma em decúbito dorsal (sep. 1) (Fig. 18), outra em decúbito lateral retraído, sobre pequena banqueteta argilosa encostada à parede da câmara (sep. 2) (Fig. 19). Ritualmente, depositaram-se aos pés das duas tumulações – sem dúvida efectuadas em simultâneo ou separadas de curto intervalo de tempo – restos de quatro ovi-caprinos juvenis; a análise dos segmentos anatómicos conservados mostra que correspondiam a nacos ricos de carne. Oferendas do mesmo tipo, talvez relacionadas com o banquete funerário, encontram-se igualmente em *tholoi* micénicas, tal como o uso de depositar os corpos em banquetas, (MYLONAS, 1948), costumes não existentes nas *tholoi* calcolíticas da região.

O alto estatuto social das duas personagens ali tumuladas encontra-se sublinhado pelo espólio acompanhante: à primeira, pertencia um pente de marfim (Fig. 20), uma pinça depilatória e um anel de bronze; à segunda, reporta-se outra pinça, de maiores dimensões, um “agrafe” de cinturão e uma fíbula (Fig. 21). Dois recipientes, um vaso de colo alto com ornatos brunidos no bojo e uma taça carenada – ambas produções típicas do Bronze Final – completavam o conjunto, sendo os únicos exemplares de produção claramente local ou regional (Fig. 22), de evidentes analogias com exemplares de Alpiarça ou com o supra referido recipiente do Monte da Pena. Com efeito, a requintada indumentária usada pelos dois personagens é indicada pelo agrafe de cinturão, tal como a fíbula, objectos até então desconhecidos na região, que pressupõem a utilização de tecidos finos, atendendo à sua fragilidade e pequeno tamanho; por outro lado, o cuidado com a própria apresentação é ilustrada pelo pente – um dos escassos marfins anteriores às importações fenícias, visto que apenas os braceletes de Peña Negra I, Alicante (GONZÁLEZ-PRATS, 1990) se podem reportar ao Bronze Final – e pelas pinças depilatórias. Estas, são muito mais que um simples objecto de cosmética, podendo associar-se ao tratamento da barba, como símbolo de idade e hierarquia (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995 a, p. 139).

A cronologia encontra-se determinada pela tipologia da fíbula, com enrolamento no arco, cujos paralelos mais próximos nos remetem para a Sicília (fíbulas de “arco serpeggiante”, cf. DELGADO, 1989), opinião partilhada por M. R. G. Priego (*op. cit.*), ao declarar que fíbulas sicilianas “ad occhio” ou cipriotas, de “arco serpeggiante”, admitiam cronologias em torno dos séculos XI/X a. C., compatível com a fase Pantalica II/III. Já os escavadores do monumento a tinham assim comparado, atribuindo-lhe cronologia do século X a. C. ou inícios do seguinte, que trabalhos ulteriores, referindo-se à mesma peça, não alteraram –: cronologia indicada no Catálogo da Exposição “Argantonio, Rey de Tartessos”, por C. Aranegui Gascó (ARANEGUI GASCÓ, 2000), reportando-a à primeira metade do século VII a. C., afigura-se inaceitável. Todos são unânimes na sua filiação em modelos do Mediterrâneo Central, reforçada pelo facto de se tratar de peça sem equivalente na região. Um exemplar incompleto, provavelmente semelhante, com duas espiras simples, do castro do Coto da Pena (KALB, 1978, Abb. 10, e um outro, igualmente incompleto, do Cerro

del Berrueco, Salamanca (SCHÜLE, 1969, Abb. 10), sugerem difusão limitada pela Meseta, à semelhança das jóias auríferas de grande dispersão, como os braceletes Villena/Estremoz, supra referidos. Assim sendo, os dois indivíduos tumulados poderão conotar-se com as elites regionais do Bronze Final II as quais, num processo de aculturação, teriam adoptado a indumentária e formas de cuidados pessoais com origem no Mediterrâneo Central, considerados mais requintados, mas ainda as próprias práticas rituais vigentes nessa área geográfica – a começar pelas características arquitectónicas do monumento – tributárias de outras, oriundas do Mediterrâneo Oriental. Em alternativa, por serem tão evidentes os indícios exógenos, é lícito admitir a possibilidade (CARDOSO, 2000; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1998, p. 109), de os dois indivíduos sepultados na Roça do Casal do Meio corresponderem a comerciantes de origem sarda, estabelecidos perto da foz do Sado, hipótese que corporizaria, pela primeira vez, a presença directa, no terreno, de comerciantes mediterrâneos, antes da chegada fenícia.

Com efeito, em plena Arrábida identificou-se povoado de altura da mesma época – o Castelo dos Mouros – a meio caminho entre o estuário e o monumento da Roça do Casal do Meio (SILVA & SOARES, 1986). Atendendo ao tipo de implantação dos dois sítios, é aliciante fazer corresponder ao primeiro o papel de povoado indígena, ali se sediando as elites locais. A ser assim, a evidência material disponível adquiriria outra dimensão e coerência, enfatizando a perspectiva de uma fase pré-colonial, de há muito defendida por ALMAGRO-GORBEA (1990, 1998). Foi no decurso desse longo período de convivência discreta, mantida por trocas comerciais de interesse mútuo iniciadas no Bronze Pleno, que se enformaram as elites do Bronze Final da Baixa Estremadura, tanto nos seus gostos quotidianos como nas práticas religiosas que progressivamente adaptaram aos seus próprios usos. Deste processo de aculturação, resultou a criação de ambiente sócio-cultural propício ao rápido sucesso da empresa fenícia (CARDOSO, 1995), facilmente afirmada na área em estudo, apesar da sua posição periférica, último reflexo ocidental da brilhante civilização tartéssica, então em gestação no vale do Guadalquivir.

5. AS NECRÓPOLES DA IDADE DO FERRO

São, igualmente, escassos e fragmentários, os elementos relativos ao mundo funerário da Idade do Ferro da Baixa Estremadura, não obstante a existência de algumas peças notáveis, expressivas das influências culturais, essencialmente mediterrâneas, que então se fizeram sentir nesta região. C. Tavares da Silva (SILVA *et al.*, 1980/1981), com base na sequência estratigráfica identificada no castelo de Alcácer do Sal, repartiu a Idade do Ferro meridional, e especialmente no que se refere ao sector litoral – na qual a Estremadura naturalmente se insere – por três fases culturais, com expressão cronológica clara. Assim, a I Idade do Ferro Mediterrânica, seria marcada por influências culturais orientalizantes, correspondendo aos séculos VII-VI a. C.; a II Idade do Ferro mediterrânica, aos séculos IV e III a. C., correspondendo-lhe influências púnicas; e, finalmente, a III Idade do Ferro Mediterrânica, aos séculos II e I a. C., coincidindo com os primórdios da presença itálica.

Na região em estudo, os testemunhos sepulcrais da primeira fase são escassos; os resultados do comércio fenício são evidentes em diversos locais, com destaque para sítios junto ao Tejo, a montante da foz, como Santarém (ARRUDA, 1993, 1996), ou sobre o próprio estuário, como Lisboa (AMARO, 1993) e Almaraz, Almada (CARDOSO,

SO, 1990; BARROS, CARDOSO & SABROSA, 1993). Todavia, ainda não se reconheceram quaisquer testemunhos sepulcrais relacionados com a numerosa população indígena e exógena que, por certo, os frequentava. Mas é expressiva a ocorrência, numa sepultura destruída perto de Torres Vedras, de um "oenochoe" de bronze, acompanhado das duas asas da respectiva bacia de libação (Fig. 23), com extremidades ostentando a característica estilização das mãos (TRINDADE & FERREIRA, 1965). Peça análoga, comprovadamente oriunda da região de Famões, Sintra (ALARCÃO, coord., 1996, p. 238), foi dada, em publicação anterior, como da zona de Beja: o que evidencia o perigo de, precipitadamente, se estudarem peças isoladas, de contextos desconhecidos ou de origem incerta, prática tão ao gosto dos antiquários do século XIX.

A cronologia destas peças, oriundas possivelmente da área tartéssica (GAMITO, 1988) coincide com o apogeu do comércio fenício no século VII a primeira metade do VI a. C. A sua presença é reveladora da integração ideológico-religiosa das elites locais, aculturadas a modelos orientais; desconhece-se, contudo quaisquer indicações sobre as características do respectivo sepulcro.

Também da região, mas já fora dela, visto situar-se a Norte do seu limite setentrional, é o conjunto de peças metálicas, heteróclitas, publicado por O. da Veiga Ferreira, visto num antiquário e dado como aparecido perto do Bombarral (FERREIRA, 1977, Fig. 6 e 7). O conjunto integrava diversos objectos da II Idade do Ferro, de evidentes afinidades continentais, que não custa admitir pertencerem a sepultura, um cabo de *simpula* de bronze, do período tardo-republicano, recentemente reanalisado (FABIÃO, 1999), três elementos de gargantilha de ouro, constituídos por placas com decorações perladas com figuras em relevo repuxado e pedras semi-preciosas encastoadas; e um brinco, também de ouro, com três pendentes em forma de bolota. Tais elementos são compatíveis com sepulcro orientalizador, dos séculos VII/VI a. C., cujo paralelo mais próximo é a sepultura onde se encontrou o bem conhecido tesouro do Gaio, Sines. De destacar, também, a gargantilha de Baião, com elementos móveis semelhantes, e de cronologia idêntica. Porém, a heterogeneidade cronológica do conjunto, conduz à conclusão de se tratar de peças de diferentes origens, não podendo ser valorizadas do ponto de vista arqueológico.

No Museu Municipal de Torres Vedras, expõe-se documentação que sugere a existência de uma necrópole de incineração existente no litoral concelhio, integrando uma urna com asa em cesto sobre o bordo. Tais materiais jamais foram estudados, sendo integráveis nos inícios da II Idade do Ferro Mediterrânica.

No decurso da I e da II Idade do Ferro Mediterrânica, as grutas naturais continuaram a ser utilizadas; mas desconhece-se se apenas como necrópoles: as reservas expostas anteriormente, no concernente às suas funções estritamente funerárias, mantêm-se. Seja como for, importa salientar algumas ocorrências mais significativas. Assim, na Lapa do Fumo, foi identificado um importante conjunto, ainda que muito remexido e de significado não esclarecido, de cerâmicas da Idade do Ferro, com bandas vinosas pintadas e taças de cerâmica cinzenta, que sem dificuldade ainda se inscrevem neste período inicial da Idade do Ferro (SERRÃO, 1994). Das grutas do Poço Velho, Cascais, provêm materiais diversos desta fase cultural, com destaque para uma fíbula do tipo Acebuchal, de arco nervurado, (CARREIRA, 1990/1992, Fig. 2, n.º 5), cuja distribuição geográfica é essencialmente meridional, centrada na Andaluzia; em Portugal, avulta o conjunto recolhido na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal, das quais uma foi estudada por Salete da Ponte (PONTE, 1985, n.º 3), considerando-a produção dos séculos VII/

/início do VI a. C. Também na gruta do Correio Mor se recolheu um interessante conjunto cerâmico, igualmente inédito (Fig. 24). Avulta um jarro com asas em duplo rolo, muito semelhante a exemplar encontrado na pequena granja de Outurela I (CARDOSO, 1996), situável no século V a. C. Nesta gruta, com importantes ocupações em épocas anteriores, recolheu-se também duas facas de gume côncavo (Fig. 25), idênticas a exemplar recolhido na necrópole de inumação de Casalão, Sesimbra, por E. C. Serrão (SERRÃO, 1964).

Da necrópole do Casalão, exploraram-se cinco sepulturas, de planta rectangular, definidas por esteios calcários cuidadosamente alinhados na vertical (Fig. 21); nalguns casos, a cobertura, igualmente de lajes calcárias, ainda se conservava parcialmente. Os corpos foram depositados em decúbito dorsal e, nalguns casos, o mesmo sepulcro, continha dois crânios. As características aludidas, aproximam singularmente estes sepulcros dos bem conhecidos homólogos tardo-romanos e visigóticos, a ponto de esta necrópole ter sido atribuída ao período medieval (FERREIRA *et al.*, 1993). Porém, o escasso espólio, com destaque para a aludida faca de gume côncavo (Fig. 27) e uma pinça de cobre ou bronze, documentando a continuidade deste tipo de artefacto desde o Bronze Final, apontavam a sua idade sidérica, situada por E. C. Serrão na referida publicação entre os séculos III e I a. C. Uma datação absoluta pelo radiocarbono, entretanto obtida sobre ossos humanos de um dos sepulcros, veio a dissipar todas as dúvidas: o resultado de 2290 ± 40 BP (SERRÃO, 1964), datou a necrópole no século V/IV a. C. Deve destacar-se, porém, a raridade deste tipo de sepulturas, na época: o que justificaria, por si só, um estudo específico, que o presente contributo não comporta.

No Museu Municipal de Alenquer conserva-se uma xorca de bronze, munida de 12 "sanguessugas", móveis no respectivo aro (Fig. 28). Provém da serra das Ripas, daquele concelho, sem que se conheçam quaisquer outras indicações, designadamente quanto ao modo de jazida. Pelas características de peça e seu estado excelente de conservação, é crível que pudesse pertencer a sepultura ou a depósito ritual, afastada a hipótese de ali se ter implantado povoado, pela ausência de outros testemunhos arqueológicos (GOMES & DOMINGOS, 1983). A maior incidência deste tipo de peças observa-se na Idade do Ferro, podendo mesmo atingir a Romanização, como se conclui do achado de uma "sanguessuga" no castro do Pedrão, em contexto republicano do século I a. C. (SOARES & SILVA, 1973). Assim sendo, sem excluir a possibilidade de se tratar de um achado de época mais antiga, pode correlacionar-se a sua presença com testemunhos de povoamento na região de épocas tardias da Idade do Ferro, como o sítio de altura do Castelo, Arruda dos Vinhos, cuja presença sidérica remonta aos séculos III a I a. C., com base nos materiais ali exumados (GONÇALVES, 1997).

Outros achados, isolados, desprovidos de contexto ou de informações sobre a natureza das condições de jazida, ou sequer sem origem seguramente conhecida, não merecem, naturalmente, ser referidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A curta síntese apresentada mostra que são discretos os testemunhos funerários no longo período de cerca de dois milénios, correspondente à Idade do Bronze e à Idade do Ferro na região delimitada como objecto de estudo.

Com efeito, no Bronze Inicial, um povoamento muito discreto, é acompanhado de manifestações funerárias ainda mais ténues, que constituirão uma constante

ao longo de toda a Idade do Bronze. Não deixa de ser significativo o facto de se ter escolhido como paradigma das manifestações desta época – o chamado “horizonte de Montelavar” – uma sepultura destruída, cujas características arquitectónicas se desconhecem em absoluto e cujo espólio poderá nem sequer corresponder à totalidade do conjunto primitivo ali depositado.

O Bronze Pleno na Baixa Estremadura constituía, também, até época recente, uma incógnita. Valeu a publicação do espólio do povoado de Catujal, sítio que evidenciava uma única ocupação, com estreitas afinidades ao Bronze do Sudoeste. A cronologia absoluta da presença humana ali detectada remete para os primeiros séculos do II milénio a. C., época em que as cerâmicas campaniformes já tinham caído em desuso, na região estremenha. Não se trata de sítio único; com efeito, conhecem-se de há muito ocorrências dispersas, com cunho marcadamente meridional, que, até ao presente, ainda não tinham sido cabalmente valorizadas. Tal como anteriormente, são muito discretas as presenças materiais deste período a que se podem associar características funerárias. O uso de grutas naturais com tal finalidade parece ter sido dominante, acompanhado de tumulações ao ar livre, cujas características se desconhecem em absoluto, como é o caso da sepultura (de inumação?) encontrada em pleno povoado calcolítico da Pedra de Ouro, Alenquer.

No Bronze Final II, caracterizado pela emergência das cerâmicas de ornatos brunidos, acentua-se a presença de materiais em grutas. A ausência de sepulturas nesta época na área estudada está em consonância com a sabida “penumbra” dos sepulcros, mesmo em toda a Península Ibérica. Contudo, tal não significa que todas as grutas tivessem uso funerário: tendo presente a escassez de ossos humanos susceptíveis de se poderem relacionar com as numerosas cerâmicas dali oriundas, é bem possível que, pelo menos, algumas delas, fossem usadas como santuários rupestres, estreitamente relacionados com práticas rituais nas quais a água poderia desempenhar papel relevante. Esta realidade é, sobretudo, sugerida pelos paralelos conhecidos, do Mediterrâneo (Sardenha) à Europa atlântica. Não obstante, com excepção de uma, a da Ponte da Lage, Oeiras, que se abre a escassos metros da ribeira epónima, as restantes, ou, ao menos, as que mais intensa presença humana revelaram desta época, não evidenciam actualmente circulação de águas subterrâneas com expressão significativa.

Ainda relacionada com práticas rituais onde a água, conotada com o elemento masculino, teria papel determinante, é o achado de uma espada, do Bronze Final II, em dragagens defronte a Cacilhas; naturalmente, poder-se-ia atribuir tal achado a outras causas, relacionando-a com sepultura de personagem relevante ou, simplesmente, a perda fortuita, por naufrágio. Mas a regularidade com que tal tipo de achados se verifica, nas embocaduras dos principais rios peninsulares, faz crer em práticas rituais, sem significado funerário, pois para isso se aceitar seria necessário existirem restos humanos, o que jamais se verifica.

Os anteriores considerandos são também extensíveis às jóias auríferas que se encontram, normalmente em terrenos agrícolas, desprovidas de contexto, ou melhor, o seu contexto reside no facto de não o possuírem. Nas região em causa, identificaram-se duas ocorrências deste tipo, conotáveis com o elemento feminino, em Bonabal, Torres Vedras e no casal de Santo Amaro, Sintra. Neste último local, contudo, existe referência a sepultura, aproveitando as anfractuosidades das rochas calcárias ali aflorantes, no sopé da serra de Sintra. Depósitos rituais, sacralizando zonas de passagem ou portelas, ou de índole estritamente funerária, ou ambas, eis perguntas a que é temerário dar resposta, tal é o estado fragmentário e incompleto da informação disponível.

Sem dúvida que a Baixa Estremadura seria, então, área geográfica onde se caldeavam as influências culturais do Norte atlântico e do Sul mediterrâneo, mercê dos intensos contactos então estabelecidos, verdadeira “placa giratória” do comércio transregional de matérias-primas e objectos de bronze manufacturados, cuja coordenação se encontrava nas mãos de elites, permeáveis à adopção de costumes e de práticas rituais exógenas. É essa franca abertura a estímulos culturais especialmente mediterrâneos, por parte das elites do Bronze Final II que habitavam a Baixa Estremadura, que explica a presença de objectos manufacturados aqui chegados como retorno das exportações daqui difundidas. É neste contexto que o monumento funerário da Roça do Casal do Meio, Sesimbra ganha significado. Atribuível ao século X a. C., ou inícios do seguinte já pelos seus escavadores, em 1973, foi por estes também correctamente salientada a afinidade de uma fíbula do seu espólio a produções sicilianas, a que acresce um pente de marfim, de evidente origem norte-africana. Sem dúvida que se trata de monumento único no seu género em toda a Península Ibérica, daqui decorrendo a sua origem exógena, reforçada pelas práticas rituais e pela própria arquitectura, que alguns compararam a homólogos mediterrâneos da mesma época. Quer se trate de um monumento destinado a albergar dois comerciantes sardos ou sicilianos, operando na zona, quer corresponda a sepulcro utilizado por dois membros das elites locais plenamente aculturados, sem dúvida que corporiza a existência de contactos com o Mediterrâneo central, numa época imeditamente anterior às primeiras presenças fenícias conhecidas na Península Ibérica, aliás na sequência das escassas evidências anteriores conhecidas no sul peninsular.

Foi a franca abertura aos influxos exógenos, por parte das elites que dominavam os circuitos económicos transregionais, no final do Bronze Final, que permitiu o sucesso da empresa fenícia na região, precocemente documentada, logo a partir do século IX a. C. Porém, se actualmente se conhecem diversos aglomerados onde a presença conjunta de indígenas e fenícios foi importante, ainda não se identificaram, em quaisquer deles, as respectivas necrópols. Tal como para a Idade do Bronze, e especialmente o Bronze Final, existe nítido desfazamento entre as informações arqueológicas obtidas dos sítios habitados, face às de carácter funerário.

Tendo presente o faseamento tripartido da Idade do Ferro do litoral meridional, proposto por C. Tavares da Silva com base na estratigrafia definida no castelo de Alcácer do Sal, verifica-se que a primeira fase, marcada por profundas influências orientalizantes, encontra a sua expressão mais evidente, no concernente ao mundo funerário, no *oenochoe* de bronze e asas da respectiva bacia de libação, com as características terminações em mãos humanas, encontrada numa sepultura perto de Torres Vedras, da qual porém, nada se sabe. Trata-se de peça de evidentes influências orientalizantes, talvez oriunda da área tartéssica, e situável nos séculos VII/VI a. C.

À fase seguinte, marcada por influências de origem púnica, e apesar da importância de alguns dos sítios habitacionais na região estudada, com destaque para o próprio casco urbano da cidade de Lisboa (AMARO, 1995), muito pouco também se sabe acerca das práticas funerárias correlativas. Ao que parece, as grutas continuaram a ser utilizadas, tanto na Fase I (Poço Velho, Cascais e Lapa do Fumo, Sesimbra) como, sobretudo, na Fase II (Correio Mor, Loures e Lapa do Fumo, Sesimbra), mas nada indica finalidades estritamente funerárias. Talvez então se praticasse a incineração (Torres Vedras), conjuntamente com a inumação, sendo a primeira apenas provável. Quanto à segunda, encontra-se bem comprovada no cemitério do Casalão, Sesimbra, onde restos humanos permitiram datação, do século V/IV a. C.

Em resumo, a informação sobre as práticas funerárias da Idade do Bronze e da Idade do Ferro na Baixa Estremadura, é de evidente pobreza, face aos elementos relativos aos povoados. Esta realidade constitui, em si mesma, uma informação relevante, aliás em consonância com o que se sabe de outras regiões peninsulares. Ao que parece, a incineração coexistiu, desde o Bronze Final, com a inumação, mas é relativamente a esta última que se dispõe de elementos mais expressivos. Os aglomerados proto-urbanos que despontam nos primórdios da Idade do Ferro na região, teriam, forçosamente, as correspondentes necrópoles: mas estas ainda não se descobriram, talvez em parte por jazerem sob as cidades modernas que se lhes sucederam.

Aliás, cumpre referir, a terminar, que a pobreza da informação relativa ao mundo funerário dos II e I milénios a. C. na região em apreço é real e efectiva, quando comparada com a relativa ao milénio imediatamente anterior, sendo inviável admitir um despovoamento da mesma, contrariado pela riqueza da informação disponível, a qual mostra, ao contrário, um acréscimo de população a partir do Bronze Final. Assim, a referida pobreza deverá ser antes explicada pelos rituais funerários então mais em voga, que não favoreceram, seguramente, a conservação dos testemunhos respectivos.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1996), O primeiro milénio a. C. *In De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio A.C.* (J. de Alarcão, coord). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia: 15-30.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1990), El periodo orientalizante en Extremadura. *In La Cultura tartésica y Extremadura. Cuadernos Emeritenses*. Merida. 2: 85-125.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1998), "Precolonización" y cambio socio-cultural en el Bronce Atlántico. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 10: 81-100.
- AMARO, C. (1993), Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. *Estudos Orientais*. Lisboa. 4: 183-192.
- AMARO, C. (1995), *Núcleo arqueológico da rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português, 51 p.
- ARANEGUI-GASCÓ, C. (2000), Enterramiento megalítico. *In Argantonio Rey de Tartessos*. Sevilla: Fundación El Monte: 305-305.
- ARMBRUSTER, B. (1995), O colar de Sintra. *In A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder* (S. Oliveira Jorge, coord). Lisboa: Inst. Português de Museus: 103.
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993), Os braceletes de Torre Vã. *In Inventário do Museu Nacional de Arqueologia – colecção de ourivesaria*. 1.º Volume: do Calcolítico à Idade do Bronze. Lisboa: Instituto Português de Museus: 144.
- ARRUDA, A. M. (1993), A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais*. Lisboa. 4: 193-214.
- ARRUDA, A. M. (1996), Os Fenícios no Ocidente. *In De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (J. de ALARCÃO, coord.). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia: 35-45.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L. & SABROSA, A. (1993), Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa. 4: 143-181.
- BELÉN, M.; ESCACENA, J. L. & BOZZINO, M. I. (1991), El mundo funerario del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Iberica. I. Analisis de la documentacion. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 48: 225-256.
- BRADLEY, R. J. (1990), *The passage of arms. An archaeological analysis of hoards and*

- votive deposits*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CARDOSO, J. L. (1990), A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1: 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1994), Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos dez anos. *Al-madan*. Almada. Série II, 3: 59-74.
- CARDOSO, J. L. (1995), O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34: 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1996), O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* (J. de Alarcão, coord.) Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia: 73-81.
- CARDOSO, J. L. (1996a), O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5: 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1997), A cronologia absoluta do depósito arqueológico da Lapa da Furada – Azóia, Sesimbra: seu significado e incidências rituais e culturais. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 6: 10-15.
- CARDOSO, J. L. (1999), O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8: 138-156.
- CARDOSO, J. L. (2000), A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) no quadro dos rituais funerários da Idade do Bronze da Baixa Estremadura. *Discursos*. Lisboa. 2: 243-251.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. ([1991]1993), Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Méditerranée*. Lisboa. 2: 193-206.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6: 341-350.
- CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1995), *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 59 p.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1990/1992), Cronologia absoluta para o Campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10: 203-228.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1998), Duas cabanas circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6: 325-345.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986), A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa-revista municipal*. Lisboa: Série II, 15: 13-18.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da V.; NORTH, T. & NORTON, J. (1997/1998), As cerâmicas de ornatos brunidos da gruta do Correio Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7: 155-167.
- CARO, A. (1989), Consideraciones sobre el Bronce Antiguo y Medio en el Bajo Guadalquivir. In *Tartessos. Arqueología Protohistórica del Bajo Guadalquivir* (M. E. AUBET SEMMLER, coord.). Sabadell: AUSA, 85-120.
- CARREIRA, J. R. (1990/1992), As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das grutas do Poço Velho (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10: 229-245.
- CARREIRA, J. R. (1994), A Pré-História Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2: 47-144.

- CARREIRA, J. R. (1996), As ocupações das Idades do Cobre e do Bronze da Lapa da Bugalheira. *Nova Augusta*. Torres Novas. 10: 91-112.
- CARREIRA, J. R. (1997), Catujal: um povoado do Bronze (Médio) à entrada da "ria de Loures". *Vipasca*. Aljustrel: 6: 119-140.
- CARREIRA, J. R. (1998), A ocupação da Pré-História recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa: Colibri. (3/4): 123-213.
- COFFYN, A. & SION, H. (1993), Les relations atlanto-méditerranéennes. Eléments pour une révision chronologique du Bronze Final Atlantique. *Méditerranée*. Lisboa. 2: 285-310.
- CORRÊA, A. A. M. (1916), Sobre alguns objectos proto-históricos e lusitano-romanos, especialmente de Alpiarça e Silvã. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21: 331-337.
- FABIÃO, C. (1999), A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2(1): 163-198.
- FERREIRA, O. V. (1972), Dois vasos raros do Museu do Bombarral. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 82 (3/4): 231-234.
- FERREIRA, O. V. (1977), Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados, inéditos ou pouco conhecidos (3.^a Parte). *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. Série III, 83: 203-237.
- FERREIRA, C. J.; SILVA, C. T.; LOURENÇO, F. S. & SOUSA, P. (1993), *O património arqueológico do distrito de Setúbal. Subsídios para uma Carta Arqueológica*. Setúbal: Associação dos Municípios de Setúbal, 373 p.
- GAMITO, T. J. (1988), *Social complexity in southern Iberia 800-300 BC. The case of Tartessos*. Oxford: BAR International Series.
- GOMES, J. J. F. & DOMINGOS, J. B. B. (1983), A "xorca" da serra das Ripas (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1: 287-300.
- GONÇALVES, J. L. M. (1997), O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) – escavações de 1988 a 1993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 3: 5-52.
- GONÇALVES, V. S. (1972), Uma nova necrópole da Idade do Bronze: a gruta da Marmota. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6: 213-218.
- GONÇALVES, V. S. (1988/1989), A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série, 9/10: 49-61.
- GONZÁLEZ-PRATS, A. (1990), *Nueva luz sobre la Protohistoria del Sudeste*. Alicante: Universidad de Alicante/Caja de Ahorros Provincial de Alicante, 357 p.
- KALB, P. (1990/1992), As xorcas de ouro do Castro da Senhora da Guia, Baiões (concelho de São Pedro do Sul, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 8/10: 259-276.
- KALB, P. & HÖCK, M. (1980), Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrikt Santarém). Vorbericht über die Grabung im Januar und Februar 1979. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 21: 91-104.
- KALB, P. & HÖCK, M. (1987), O Tejo na zona de Alpiarça (Idades do Bronze e do Ferro). In *Arqueologia do Vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural: 48-52.
- LEISNER, V. (1965), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. 2 volumes.
- LEISNER, V. & SCHUBART, H. (1966), Die Kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 7: 9-47.

- Lo SCHIAVO, F. (1991), La Sardaigne et ses relations avec le Bronze Final Atlantique. In *Le Bronze Atlantique* (Ch. CHEVILLOT & A. COFFYN, ed.). Beynac: 213-226.
- MADEIRA, J.; GONÇALVES, J. L. M.; RAPOSO, R. & PARREIRA, R. (1972), Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro/Torres Vedras) – Notícia prévia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6: 207-212.
- MARQUES, G. (1972), *Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*. Porto: Trabalhos do Instituto de Antropologia Prof. Mendes Corrêa, 13, 37 p.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G. M. (1974), Aspectos da Proto-História do território português. I - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Cong. Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto. 1: 125-148.
- MARTIN de la CRUZ, J. C. (1992), La Peninsula Iberica y el Mediterráneo en el segundo milénio a. C. In *El Mundo Micénico. Cinco siglos de la primera civilización europea 1600-1100 a. C.* Madrid. Museo Arqueológico Nacional: 110-114.
- MEDEROS-MARTIN, A. (1999), La metamorfosis de Villena. Comercio de oro, estaño y sal durante el Bronce Final I entre el Atlántico y el Mediterráneo (1625-1300 AC). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 56 (2): 115-136.
- MYLONAS, G. E. (1948), Homeric and Micenean burial customs. *American Journal of Archaeology*. 52 (1): 56-81.
- MYLONAS, G. E. (1957), *Ancient Micenae the capital city of Agamemnon*. London: Routledge & Kegan Paul, Ltd., 201 p.
- NOGUEIRA, A. M. & ZBYSZEWSKI, G. (1943), Túmulo da época do Bronze. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 24: 95-97.
- PAÇO, A. do (1955), Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII – Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6: 27-40.
- PAÇO, A. do (1966), Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16: 117-152.
- PAÇO, A. do (1971), Braceletes de ouro da Atouguia da Baleia (Peniche). In *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2: 321-326.
- PEREIRA, F. A. (1957), *Sintra do Pretérito*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 218 p.
- PEREIRA, G. (1894), O collar da Penha Verde. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*. Lisboa. Série II, 7 (1): 77-78.
- PONTE, S. (1985), Algumas fíbulas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 3: 137-154.
- RIBEIRO, F. N. (1965), *O Bronze Meridional Português*. Beja: edição do Autor, 33 p.
- RUIZ-DELGADO, M. M. (1989), *Fibulas protohistoricas en el Sur de la Península Iberica*. Sevilla: Publicaciones de la Universidad de Sevilla. 263 p.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995), Depositos del Bronce Final: Sagrado o profano? Sagrado y, a la vez, profano? In *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo* (M. Ruíz-Gálvez Priego, ed.). Complutum Extra. Madrid. 5: 21-32.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995a), El significado de la ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro. In *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo* (M. Ruíz-Gálvez Priego, ed.). Complutum Extra. Madrid. 5: 129-155.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (1998), Peripheral, but not that much...!. *Trabalhos de Arqueo-*

- logia. Lisboa. 10: 101-113.
- SCHUBART, H. (1975), *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter. 2 vol.
- SCHÜLE, W. (1969), *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter. 2 vol.
- SERRÃO, E. C. (1958), Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. Salamanca. 9 (2): 177-186.
- SERRÃO, E. C. (1959), Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1: 337-359.
- SERRÃO, E. C. (1964), *A necrópole proto-histórica do Casalão – Sesimbra*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 50 p.
- SERRÃO, E. C. (1994), *Carta Arqueológica do concelho de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 115 p.
- SILVA, C. T. da & SOARES, J. (1981), *Pré-História da área de Sines*. Sines: Gabinete da Área de Sines, 231 p.
- SILVA, C. T. da & SOARES, J. (1986), *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. 211 p.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F. & COELHO-SOARES, A. (1980/1981), Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal 6/7: 149-218.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1973), Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1: 245-306.
- SPINDLER, K. (1981), *Cova da Moura*. Madrider Beiträge. Band 7. Mainz am Rhein. 299 p.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. V. (1973), Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 17:21-75.
- STUIVER, M. & PEARSON, G. W. (1993), High precision bidecadal calibration of the radiocarbon time scale, AD 1950-500 BC and 2500-6000 BC. *Radiocarbon*. Tucson. 35 (1): 1-23.
- TRINDADE, L. & FERREIRA, O. V. (1964), Tesouro pré-histórico de Bonabal (Torres Vedras). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74 (3/4): 271-280.
- TRINDADE, L. & FERREIRA, O. V. (1965), Acerca do vaso "piriforme" tartéssico de bronze do Museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. 63/64: 175-183.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1896), Xorca de ouro. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2: 17-24.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1920), Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24: 193-197.
- VILAÇA, R. (1995), *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia. Lisboa. 9: 2 vols.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J. & GONÇALVES, A. A. H. B. (1999), A necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 38: 5-29.

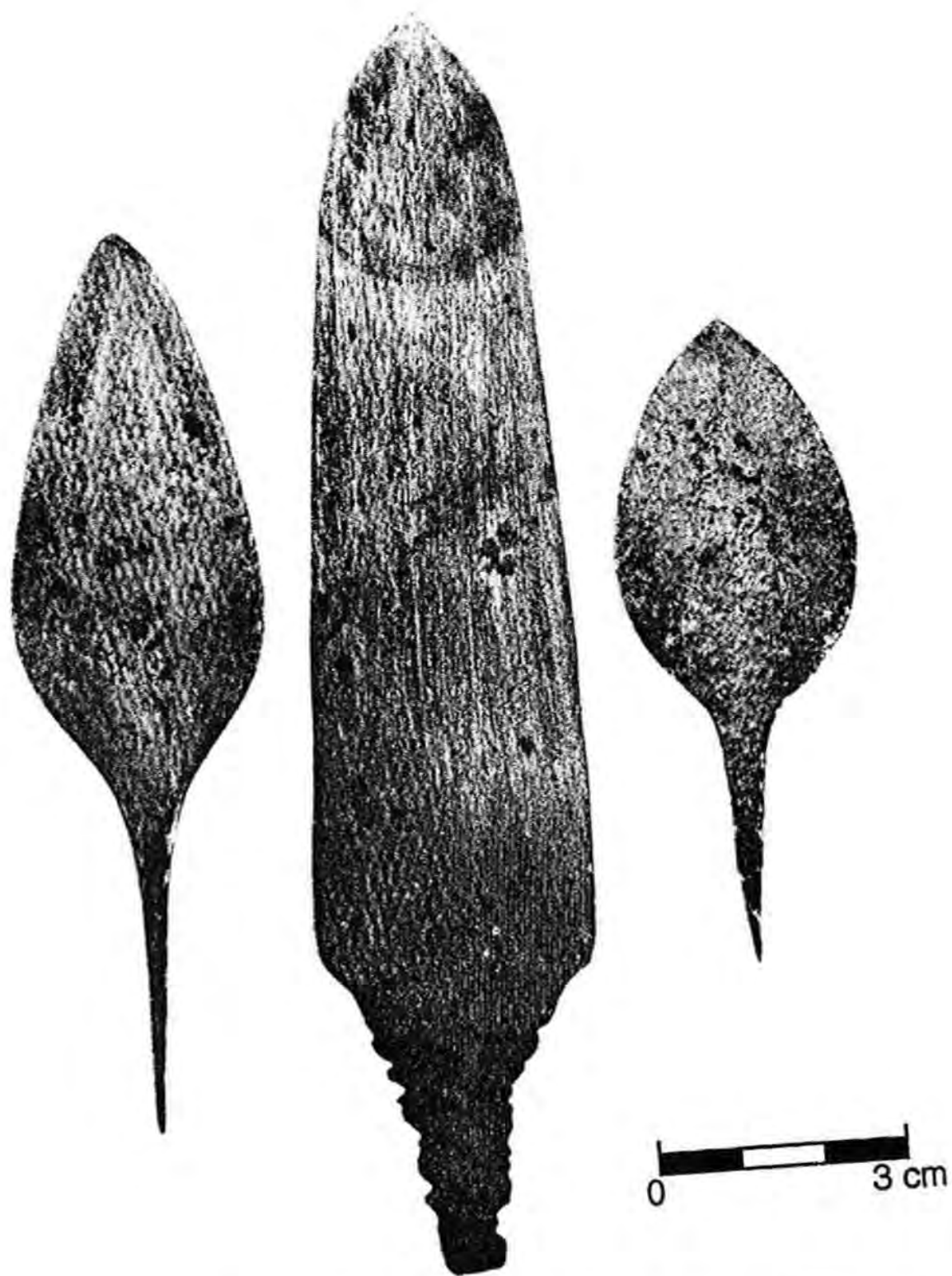


Fig. 1 — Pontas Palmela e punhal de lingueta, de cobre, recolhidos na sepultura de Montelavar, Sintra (segundo NOGUEIRA & ZBYSZEWSKI, 1943).



Fig. 2 — Vista do povoado do Catujal, Loures, para Sul. (Foto de J. L. Cardoso).

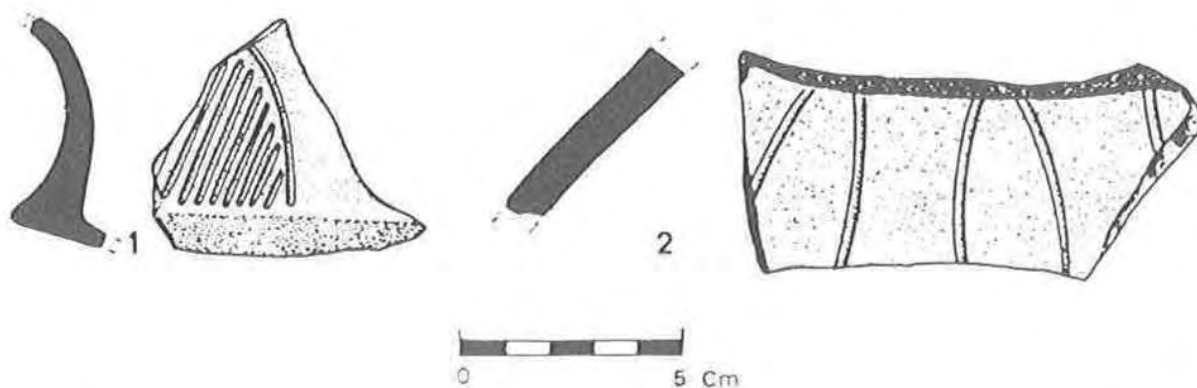


Fig. 3 — Fragmentos cerâmicos com origem no Bronze do Sudoeste recolhidos no povoado de Catujal, Loures. 1. Taça de tipo Santa Vitória; 2. Garrafa com decoração de gomos partindo do colo (segundo CARDOSO & CARREIRA, 1993).

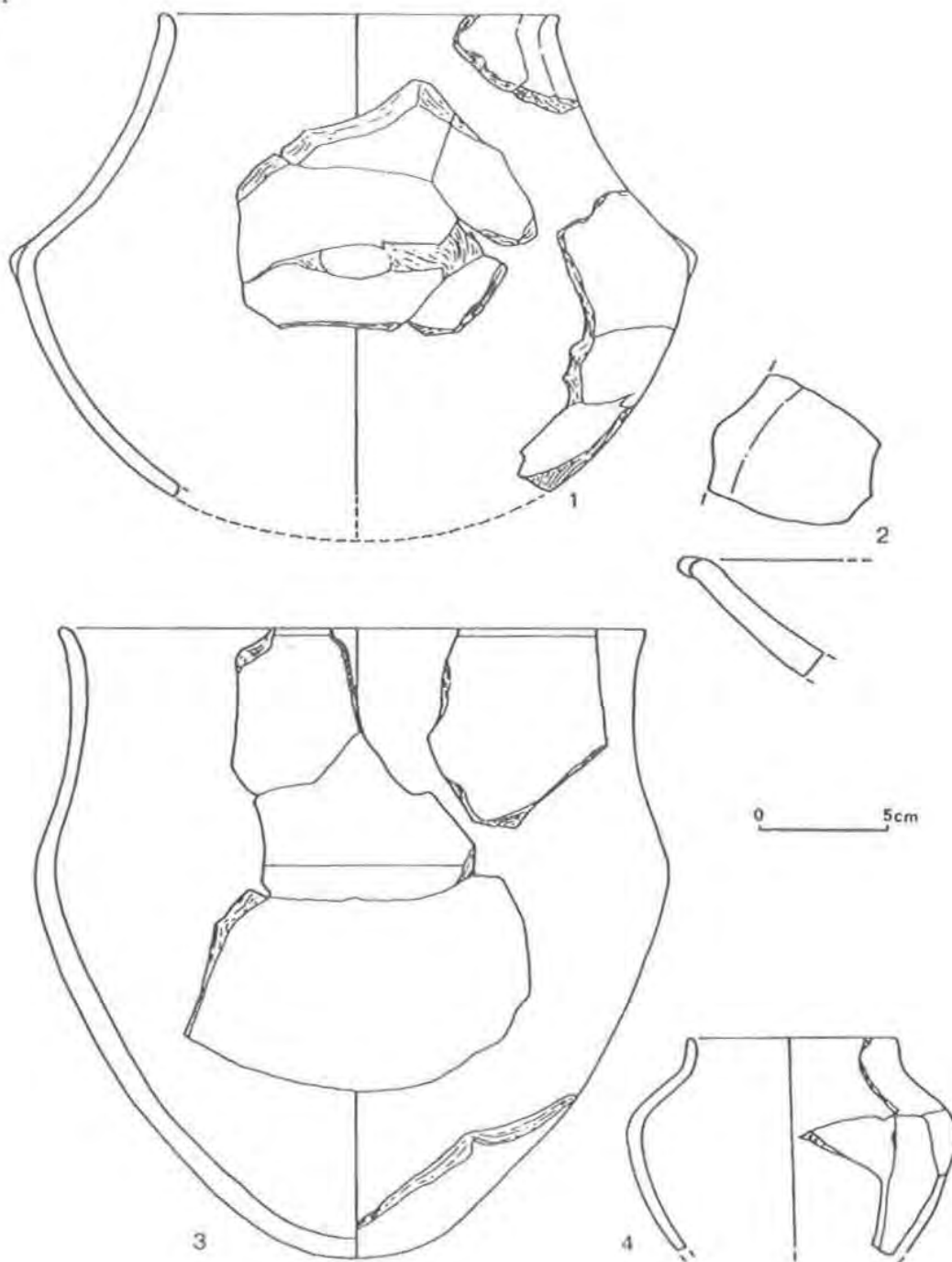


Fig. 4 — Cerâmicas atribuíveis ao Bronze Pleno, da Lapa do Fumo, Sesimbra (segundo CARREIRA, 1997).

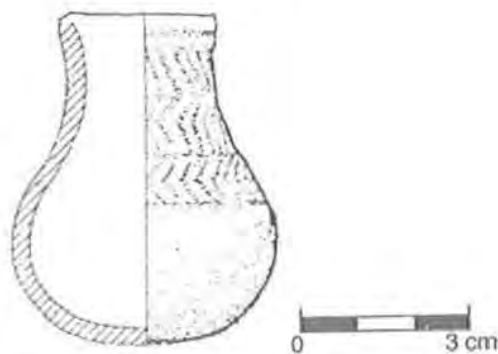


Fig. 5 — Pequena garrafa, atribuível ao Bronze Pleno, das grutas do Poço Velho, Cascais (segundo SPINDLER & FERREIRA, 1973).

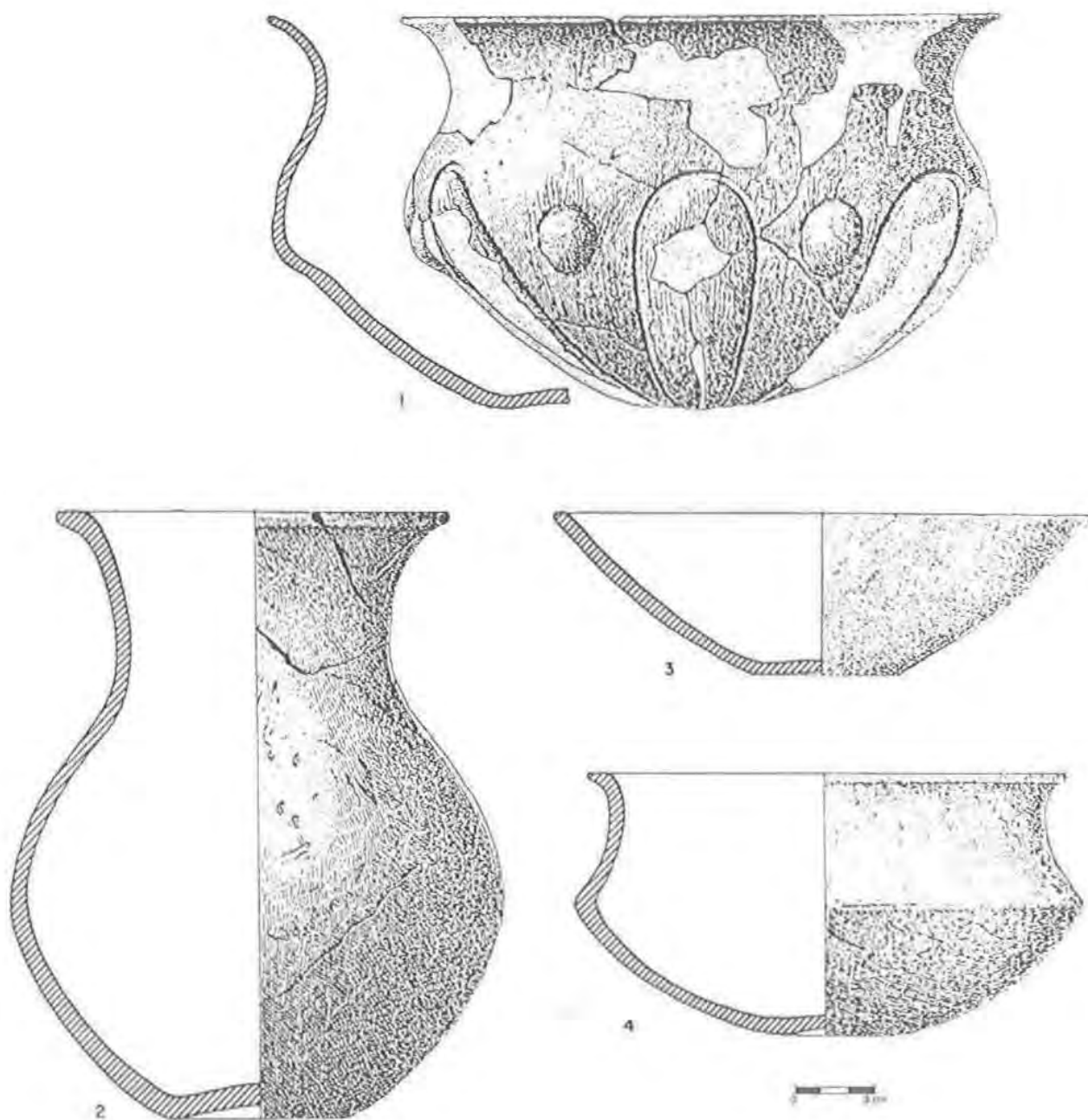


Fig. 6 — Conjunto de recipientes atribuídos a uma sepultura do Bronze Pleno, explorada em zona adjacente à fortificação calcolítica da Pedra de Ouro, Alenquer (segundo LEISNER & SCHUBART, 1966).

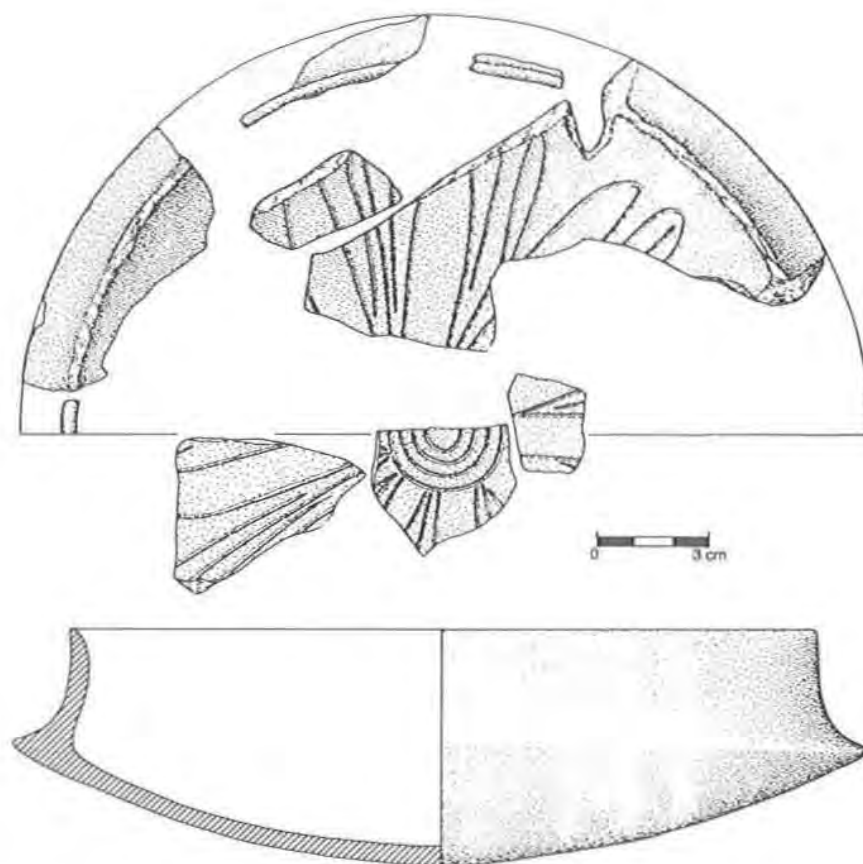


Fig. 7 — Taça de tipo Santa Vitória recolhida na Lapa do Suão, Bombarral (segundo SPINDLER, 1981).



Fig. 8 — Distribuição estretenha de recipientes originários da área cultural do Bronze do Sudoeste (segundo SPINDLER, 1981).

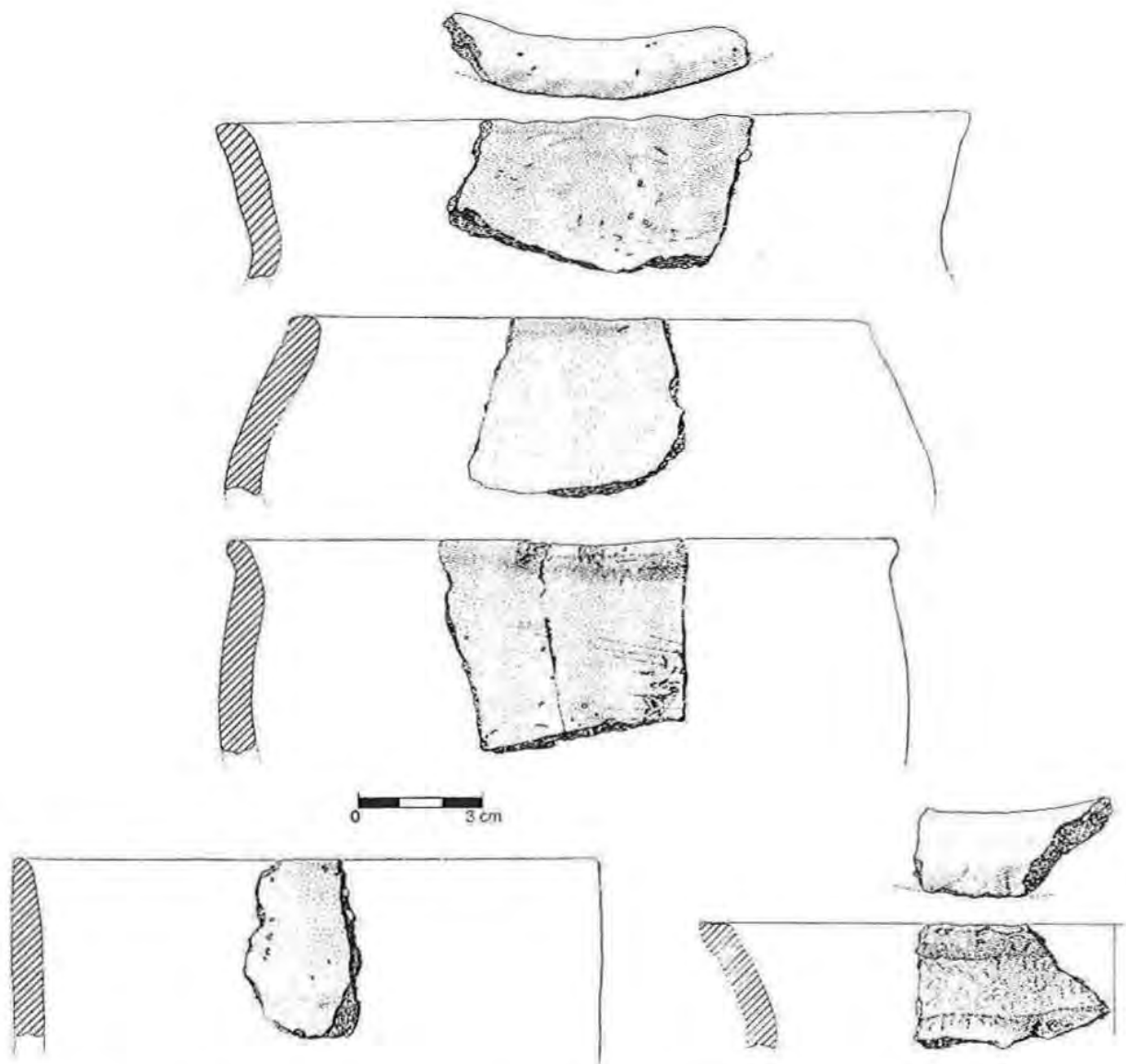


Fig. 9 — Conjunto de recipientes cerâmicos da gruta da Lapa da Furada, Sesimbra (segundo CARDOSO & CUNHA, 1995; CARDOSO, 1997).

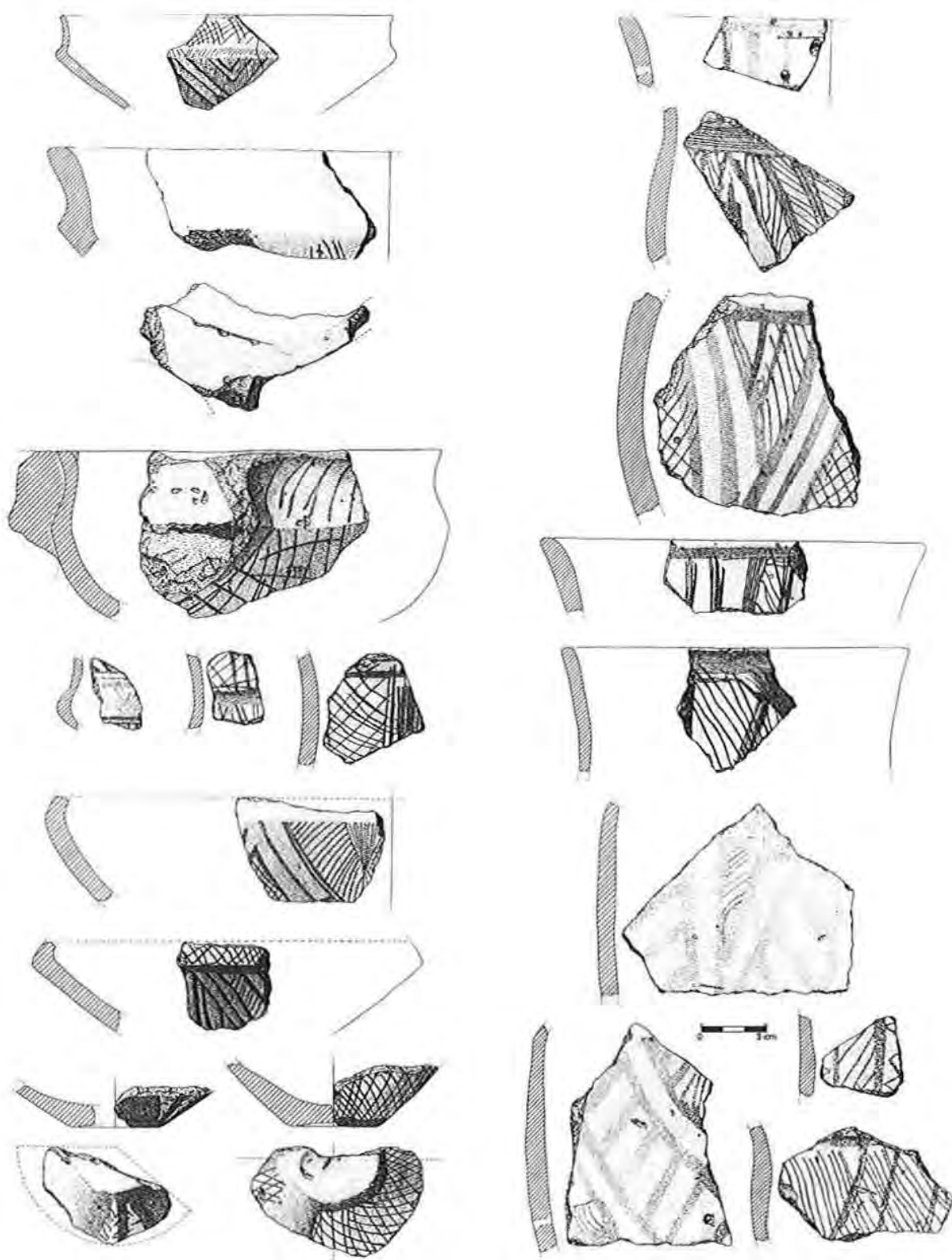


Fig. 10 — Cerâmica com ornatos brunidos da Lapa do Fumo, Sesimbra (segundo CARDOSO, 1996).



Fig. 11 — A gruta do Correio Mor, Loures, na altura da identificação como sítio de alto valor arqueológico. Em pé, à esquerda, o Doutor O. de Veiga Ferreira (foto de Manuel Leitão).

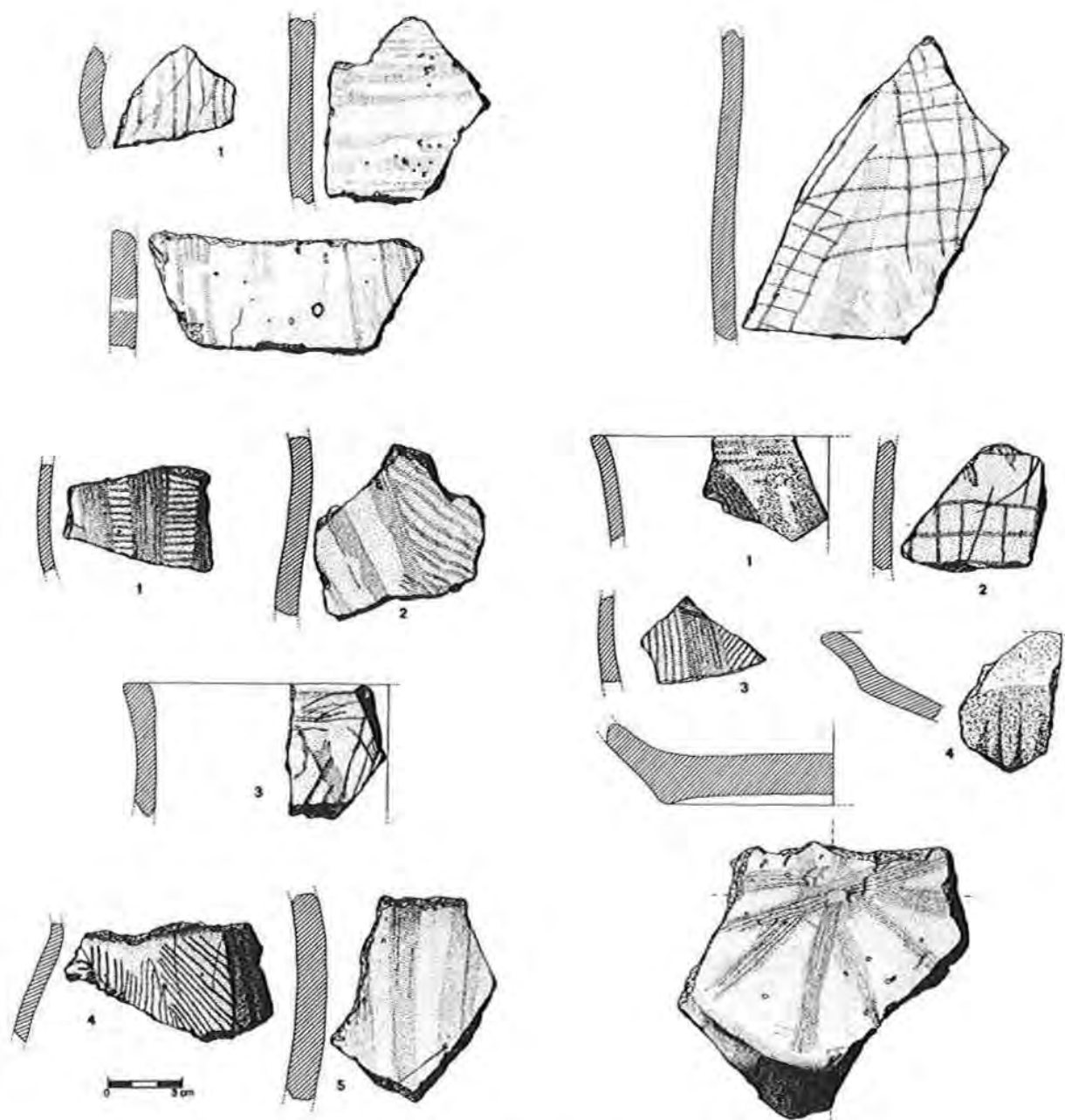


Fig. 12 — Cerâmicas com ornatos brunidos da gruta do Correio Mor, Loures (segundo CARDOSO et alii, 1997/1998).

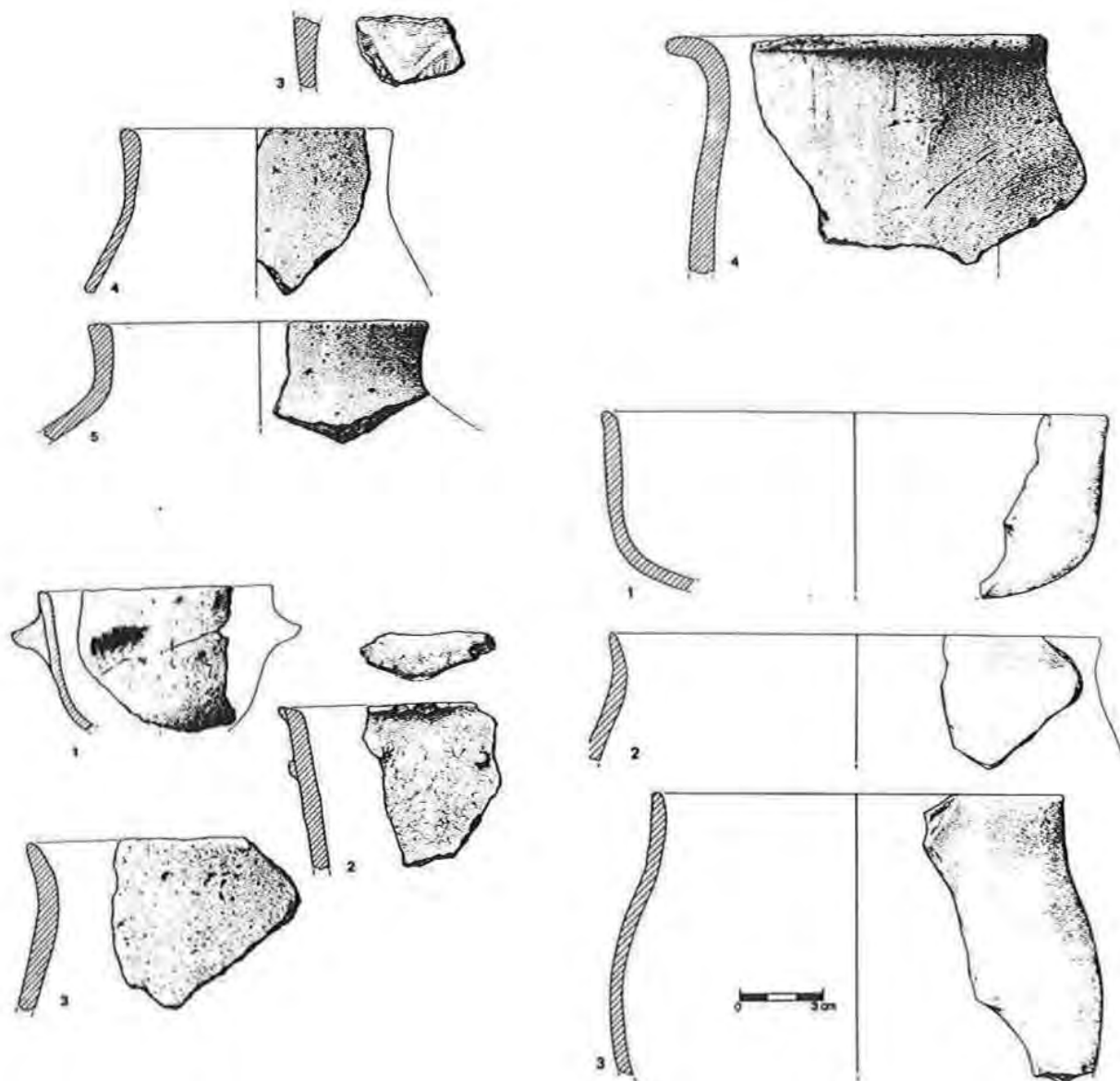


Fig. 13 — Cerâmicas da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Lage, Oeiras (segundo CARDOSO & CARREIRA, 1996). O primeiro exemplar, ao alto, à esquerda ostenta decoração de ornatos brumidos.

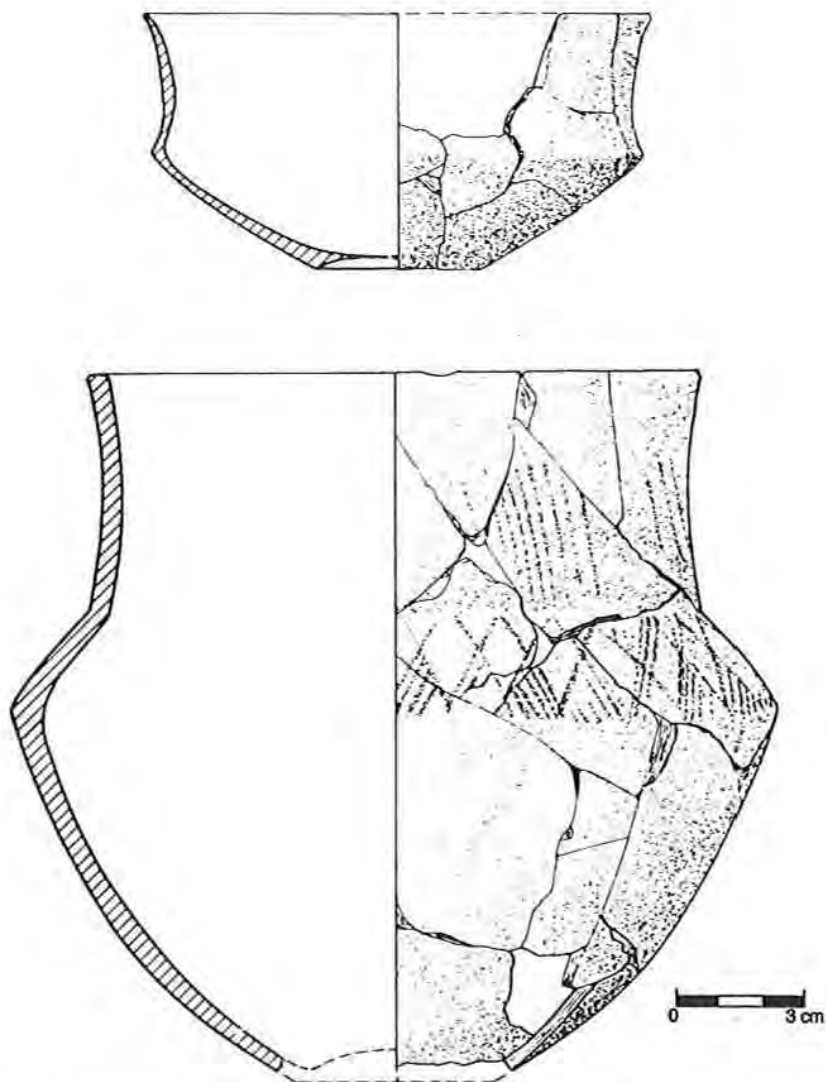


Fig. 14 — Recipientes do Bronze Final de uma provável sepultura do Monte da Pena, Torres Vedras (segundo MADEIRA et alii, 1972).

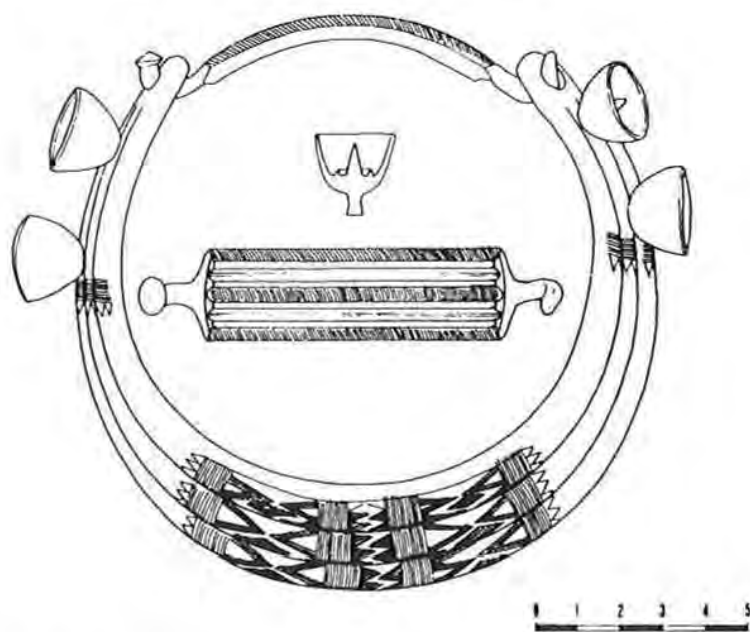


Fig. 15 — O colar de Sintra, ou do Casal de Santo Amaro, Sintra (segundo KALB, 1990/92).



Fig. 16 — Vista geral do monumento da Roça do Casal do Meio, Sesimbra
(foto de K. Spindler / O. da Veiga Ferreira).



Fig. 17 — Pormenor do corredor, selado à entrada por grande ortóstato (Stomion) do monumento
da Roça do Casal do Meio, Sesimbra (foto de K. Spindler / O. da Veiga Ferreira).



*Fig. 18 — Sepultura 1 do monumento da Roça do Casal do Meio, Sesimbra
(foto de K. Spindler / O. da Veiga Ferreira).*



*Fig. 19 — Sepultura 2 do monumento da Roça do Casal do Meio, Sesimbra,
assente em banqueta de argila com rebordo, construída junto à parede da câmara
(foto de K. Spindler / O. da Veiga Ferreira).*



Fig. 20 — Pente de marfim, in situ, na altura da descoberta, no monumento da Roça do Casal do Meio, Sesimbra (foto de K. Spindler / O. da Veiga Ferreira).

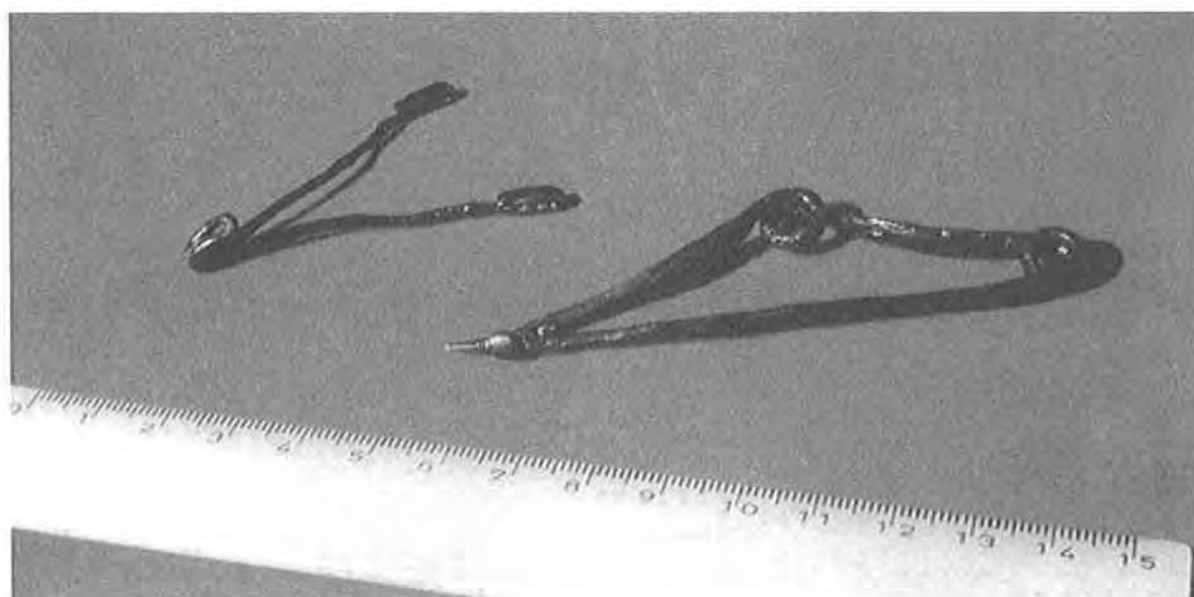


Fig. 21 — Fíbula de enrolamento no arco e “agrafe” de cinto, do monumento da Roça do Casal do Meio, Sesimbra (foto de Manuel Leitão).

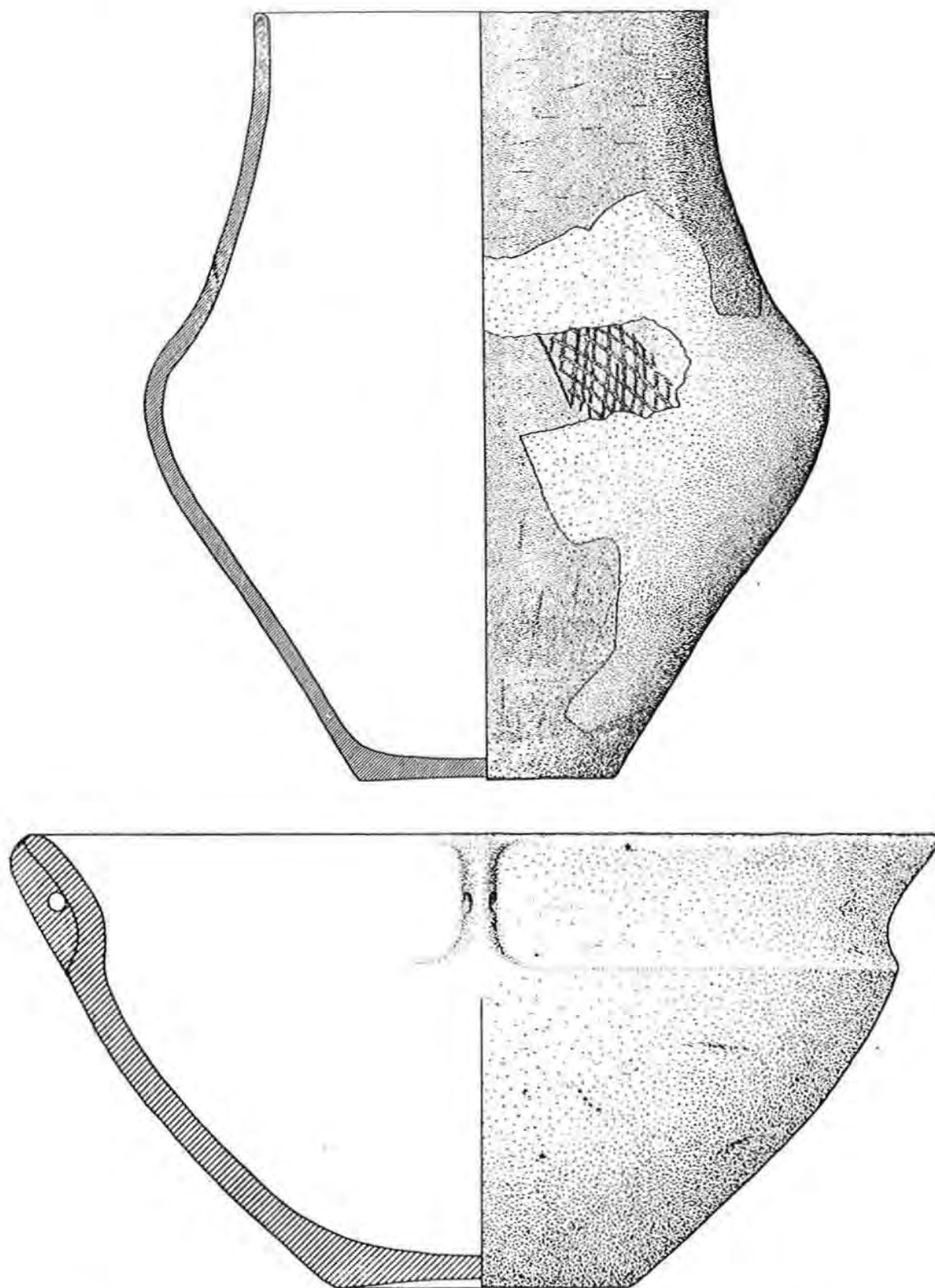


Fig. 22 — Recipientes do Bronze Final do monumento da Roça do Casal do Meio.
Em cima: grande vaso de colo alto, possuindo no bojo decoração de ornatos brunidos ($x 0,33$);
em baixo: taça de carena alta possuindo sistema de fixação no colo ($x 0,5$).

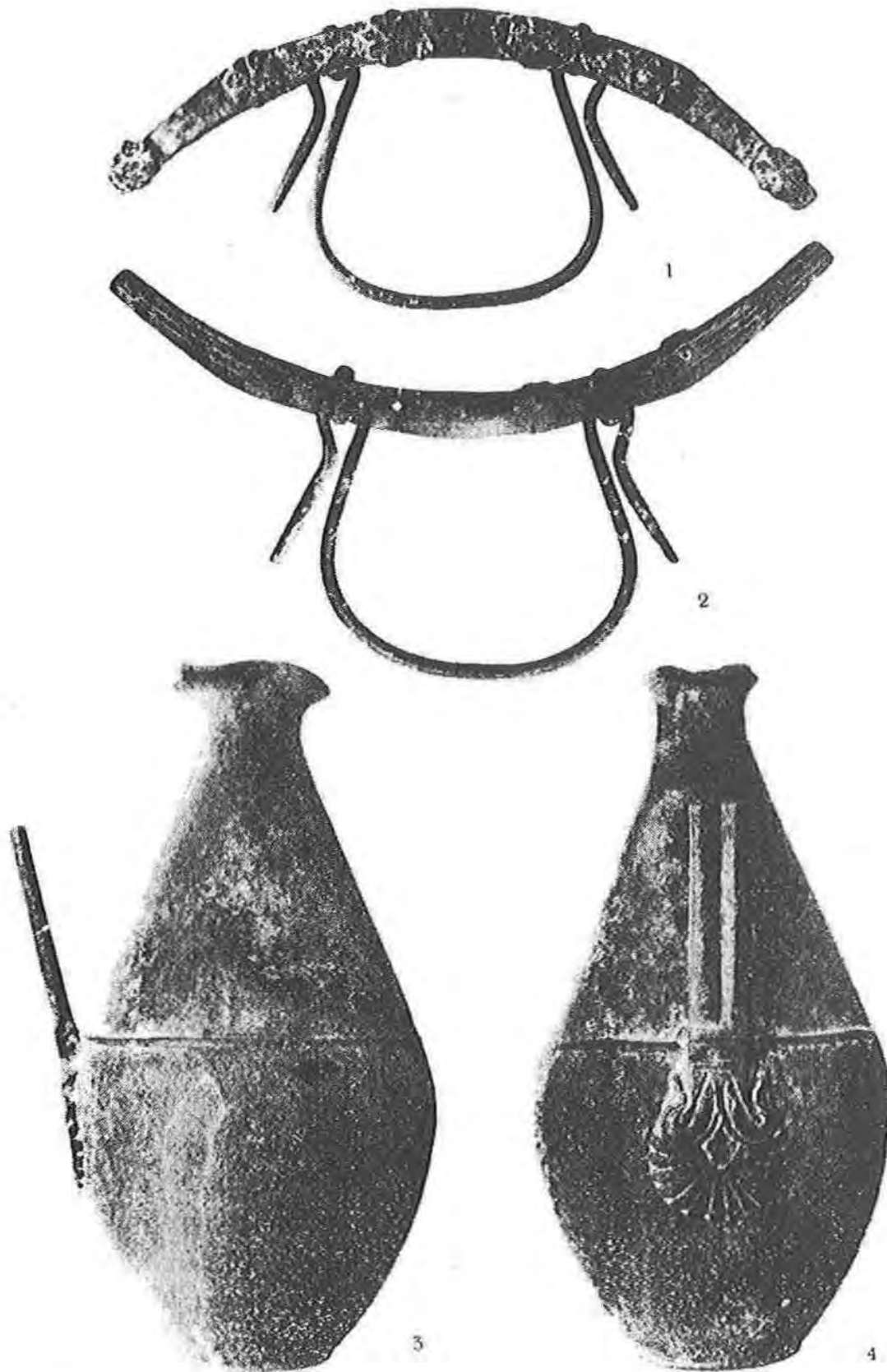


Fig. 23 — Oenochoe de bronze e asas da respectiva bacia, também de bronze, recolhidos numa sepultura perto de Torres Vedras (segundo TRINDADE & FERREIRA, 1965). Muito reduzido.

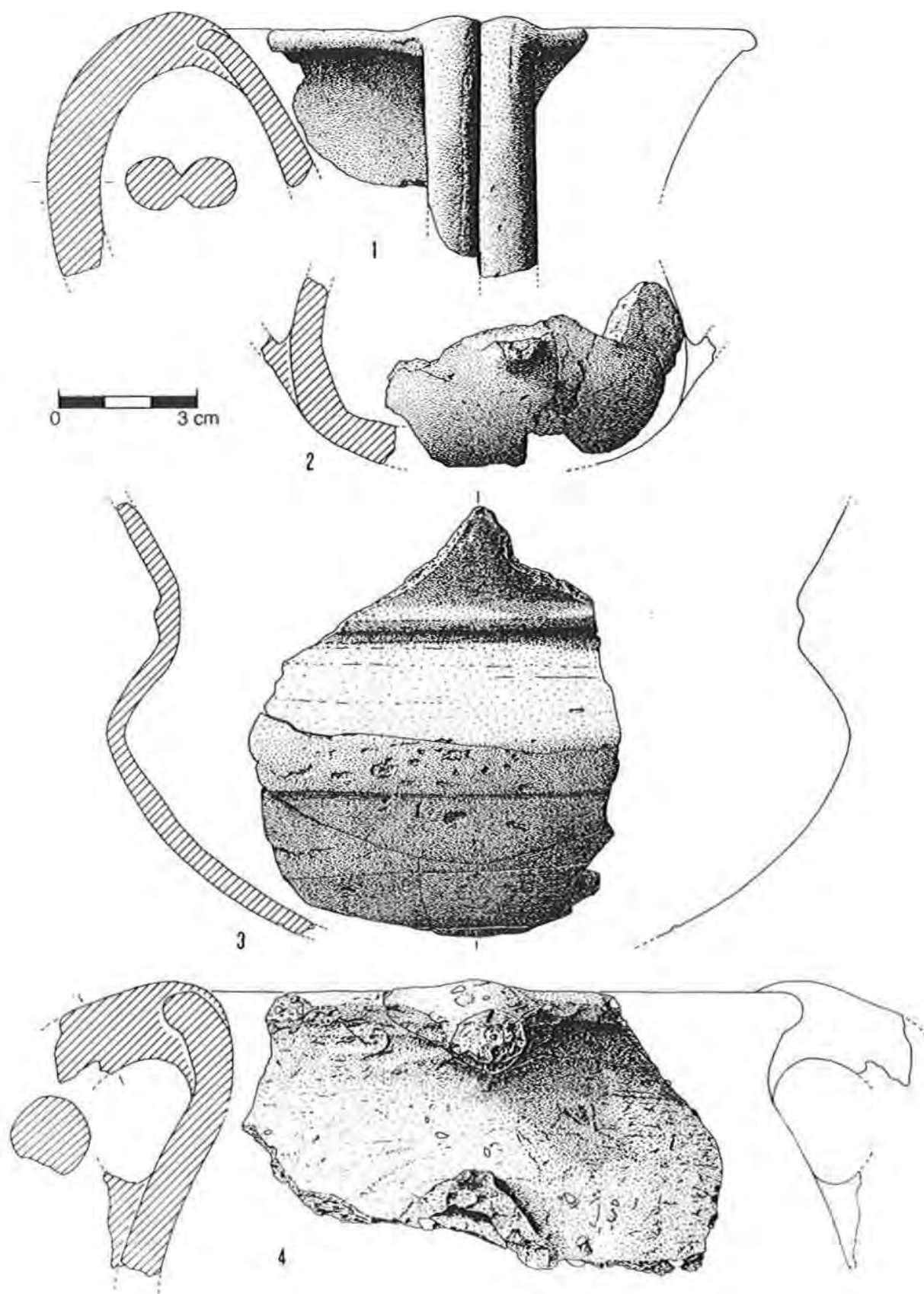


Fig. 24 — Cerâmicas da Idade do Ferro da gruta do Correio Mor, Loures (inéditas).

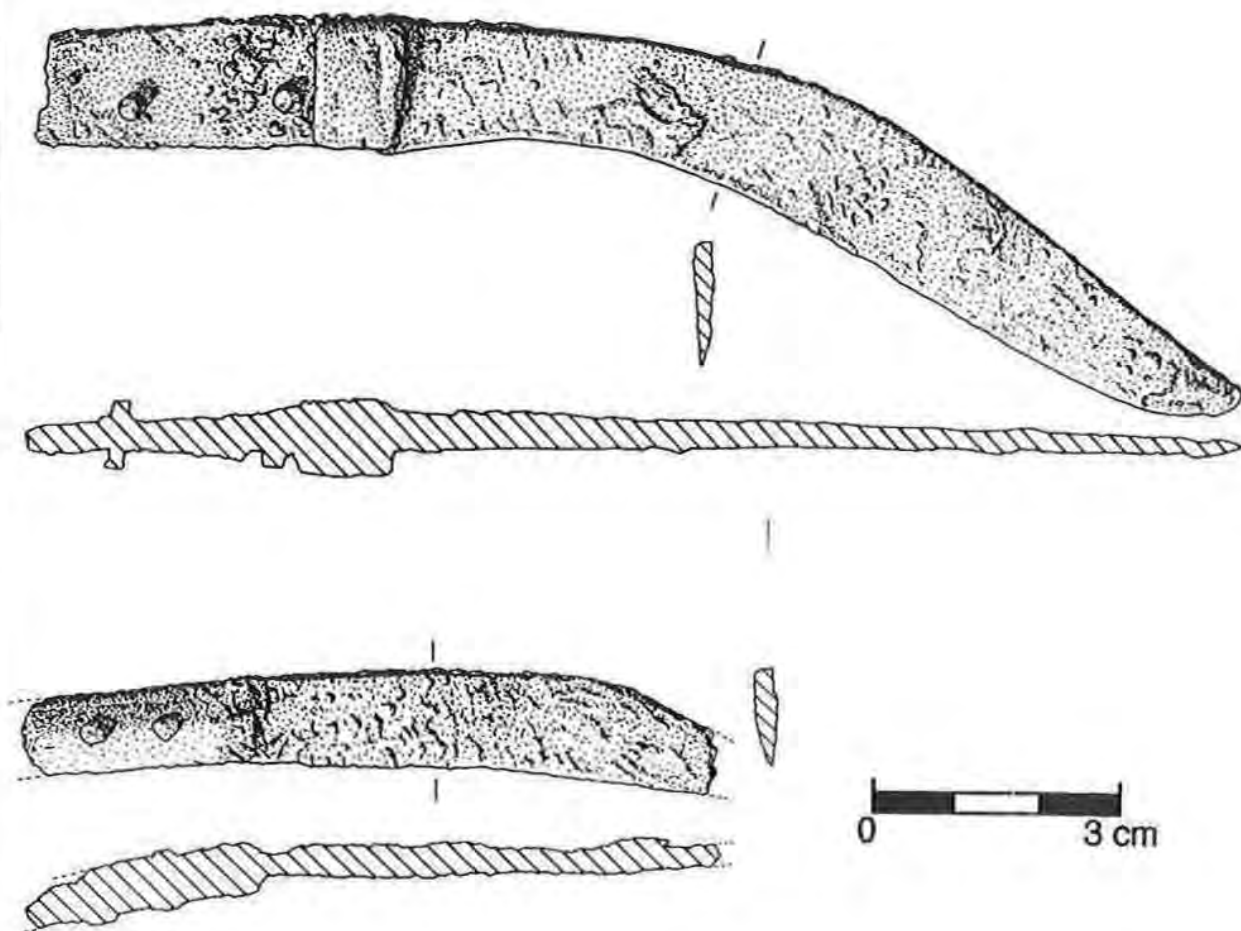


Fig. 25 — Facas de gume côncavo, de ferro, da Idade do Ferro, da gruta do Corzeio Mor, Loures (inéditas). Coleção F. Berger.



Fig. 26 — Planta da sepultura n.º 5 da necrópole do Casalão, Sesimbra, (segundo SERRÃO, 1964). Assinala-se, junto do crânio, a posição da faca de ferro, representada na fig. 27.



Fig. 27 — Faca de gume côncavo, de ferro, da Idade do Ferro, da necrópole de Casalão, Sesimbra (segundo SERRÃO, 1964).

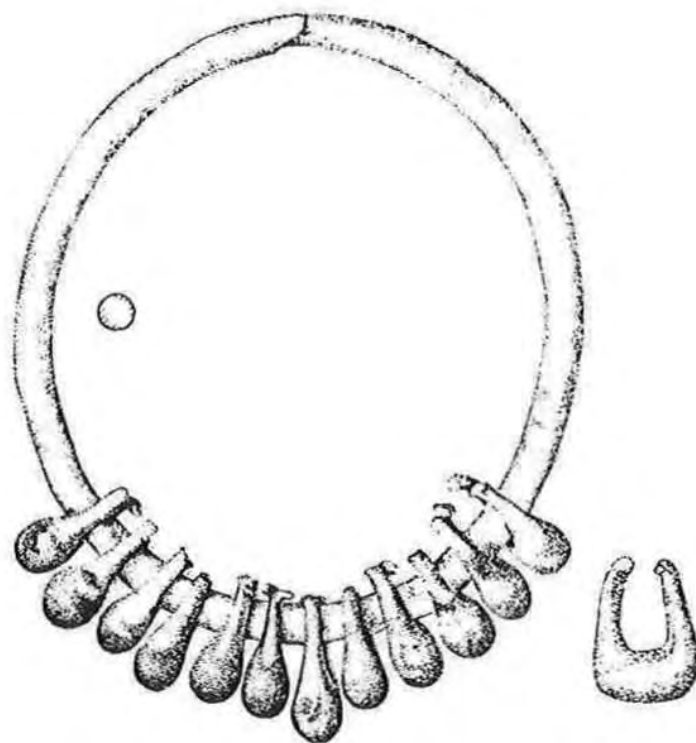


Fig. 28 — “Xorca” de bronze com “sanguessugas” da Serra das Ripas, Alenquer (segundo GOMES & DOMINGOS, 1983).